

# O fim da Guerra do Paraguai:

*repercussões na imprensa do Rio Grande  
e do Rio de Janeiro (dois estudos de caso)*

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE



UNIVERSIDADE  
AbERTA  
[www.ubb.pt](http://www.ubb.pt)

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025



BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE



# O fim da Guerra do Paraguai: repercussões na imprensa do Rio Grande e do Rio de Janeiro (dois estudos de caso)





## **CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO**

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista - Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL - Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# O fim da Guerra do Paraguai: repercussões na imprensa do Rio Grande e do Rio de Janeiro

## (dois estudos de caso)



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande  
2022

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves

**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil

**Diretor de Acervo:** Mauro Nicola Póvoas

**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres

**2º Secretário:** Ronaldo Oliveira Gerundo

**Tesoureiro:** Valdir Barroco

## **Ficha Técnica**

- Título: O fim da Guerra do Paraguai: repercussões na imprensa do Rio Grande e do Rio de Janeiro (dois estudos de caso)
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 52
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2022

ISBN – 978-65-89557-46-3

**CAPA:** *A Vida Fluminense*. Rio de Janeiro, 26 mar. 1870, p. 4-5.

## **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e noventa livros.



## **SUMÁRIO**

A imprensa diária do Rio Grande e o encerramento da Guerra do Paraguai.....	11
O término da Guerra da Tríplice Aliança nas páginas de duas revistas ilustradas e humorísticas da Corte.....	55



# A imprensa diária do Rio Grande e o encerramento da Guerra do Paraguai

Ao longo do século XIX, a imprensa sul-rio-grandense passou por uma fase de ampla expansão quantitativa e qualitativa<sup>1</sup>. Nesse quadro, a cidade do

---

<sup>1</sup> A respeito dessa conjuntura, observar: ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa*. In: *História geral do Rio Grande do Sul - Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2. p. 351-372.; BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1986.; ERICKSEN, Nestor. *O sesquicentenário da imprensa rio-grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1977.; REVERBEL, Carlos. *Evolução da imprensa rio-grandense (1827-1845)*. In: *Enciclopédia Rio-Grandense: o Rio Grande Antigo*. v. 2. Canoas: Editora Regional, 1956. p. 241-264.; REVERBEL, Carlos. *Tendências do jornalismo gaúcho*. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1957 (segunda série). p. 101-124.; RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Livraria Americana, 1899.; RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.; SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Elvo & BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: CORAG, 1986.; e VIANNA, Lourival. *Imprensa gaúcha (1827-1852)*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1977.

Rio Grande, que constituiu o mais importante entreposto comercial da Província do Rio Grande do Sul, servindo seu porto para a entrada das importações e para o escoamento da produção sul-rio-grandense, teve nesse desenvolvimento mercantil, além de várias etapas de progresso urbano e demográfico, também um processo de aprimoramento cultural. Em tal contexto, houve um avanço significativo nas atividades jornalísticas, com uma imprensa bastante avançada para os padrões gaúchos e brasileiros de então. Circularam na comuna os mais variados gêneros de periódicos, dentre eles os jornais diários, normalmente mais longevos e estáveis e melhor organizados administrativamente.

A imprensa diária da cidade do Rio Grande caracterizou-se pela divulgação de variado noticiário local, regional, nacional e internacional e, nesse sentido, os acontecimentos em torno da Guerra do Paraguai constituíram pautas constantes nas páginas dos diários. Essas inserções refletiam o grande interesse do público leitor por informes a respeito do teatro de operações na campanha do Paraguai, tendo em vista não só os interesses diplomáticos e bélicos, mas também o amplo contingente de militares rio-grandenses-do-sul envolvidos no confronto em terras guaranis.

Nesta conjuntura, notadamente por ocasião de vitórias aliadas em determinas batalhas, por diversas vezes o jornalismo rio-grandino anunciou o possível encerramento do enfrentamento internacional, sem, posteriormente, ter havido a confirmação. Conforme previa o acordo firmado entre os membros da Tríplice Aliança, a guerra só terminaria com a derrubada definitiva de Francisco Solano Lopez, sem que pudesse ser assinada a paz em separado por alguma das partes.

Tal fator acarretaria uma perseguição do líder paraguaio, mesmo com a maioria das posições relevantes em território guarani já conquistadas. Assim, a terminação do conflito só seria definitivamente demarcada a partir da morte de Lopez, notícia que seria repercutida com entusiasmo pela imprensa diária rio-grandina, representada pelo *Diário do Rio Grande* e por *O Comercial*<sup>2</sup>.

O jornal *Diário do Rio Grande*, criado em 1848, constituiu uma das mais significativas publicações no âmbito provincial/estadual sul-rio-grandense, aparecendo como uma das primeiras folhas gaúchas de periodicidade diária que conseguiu garantir uma circulação regular por um longo período de sobrevivência. Sua longevidade chegou a permitir-lhe auto-proclamar-se como o decano da imprensa do Rio Grande, tendo circulado até o ano de 1910. O periódico defendeu as ideias conservadoras desde a sua criação até 1877.

---

<sup>2</sup> Na época também circulavam na cidade do Rio Grande, o *Eco do Sul* e o *Artista*, entretanto não há exemplares disponíveis referentes ao período em questão.



Mesmo com vínculos partidários, a construção discursiva do diário rio-grandino buscou legitimar-se a partir de uma suposta orientação apolítica, de modo que as manifestações de cunho político-partidário só ganhavam suas páginas com maior vigor em períodos bem demarcados, notadamente aqueles ligados às inversões partidárias ou nos momentos de campanha eleitoral, após os quais a folha retornava a seu papel de publicação essencialmente noticiadora, preocupando-se com seus interesses comerciais. Nesse sentido, o *Diário* buscou demonstrar que era uma publicação que representava a imprensa “séria”, acima de tudo interessada no bem-estar da população, em nível local, regional e nacional, e que pairava sobre as disputas e paixões políticas, estando mais interessada em prestar um serviço, informando (e formando) a opinião pública, através de uma pretendida primazia da notícia.

O *Diário do Rio Grande* foi fundado a 16 de outubro de 1848, por Antônio José Caetano da Silva, jornalista e político saquarema que ocupou cargos político-administrativos ligados à cidade do Rio Grande e com larga experiência nas lides jornalísticas, tendo promovido a publicação de uma série de pequenos jornais, alguns pasquins, destinados às discussões pessoais e/ou políticas do redator, e outros noticiosos, todos de efêmera sobrevivência. Com a proposta de circulação diária e com um nível de organização tipográfica excelente para os padrões da época, Caetano da Silva teria no *Diário do Rio Grande* o ápice de sua carreira jornalística.

O diário rio-grandino apresentou, na primeira edição, o seu programa sob o título de “Prospecto” e nele destacou que a importância adquirida pela cidade

do Rio Grande e pela Província como um todo exigia a existência de um jornal que melhor as representasse, explicando também, suas intenções de agir em defesa das atividades econômicas provinciais:

Uma das primeiras Províncias do Império, em ilustração, indústria, comércio e riqueza, o Rio Grande sofria, entretanto, a falta de uma folha que fosse na imprensa a representante, senão dessa mesma ilustração e riqueza, ao menos dos altos interesses da sua indústria e comércio.

Essa falta, porém comprehende preencher o *Diário*, cujas colunas se consagram à defesa da causa, tão injustamente desvalida, dos mais poderosos elementos da nossa prosperidade e grandeza - o comércio e a indústria. Assim, pois, seremos francos em apontar e combater os entraves que se opuserem ao desenvolvimento de uma e de outro, e sem consideração alguma a quaisquer conveniências particulares, mostrarnos-emos inflexíveis no desempenho do nosso mandato.

Buscando diferenciar-se das práticas jornalísticas então em voga, com um forte predomínio da pasquinagem - caminho trilhado inclusive pelo próprio Caetano da Silva, em outros periódicos, - o *Diário do Rio Grande* intentava, desde o início, colocar-se como representante da imprensa "séria", afirmando ainda em seu "Prospecto" que de suas colunas seriam "banidas as mesquinhias questões pessoais", adotando por lemas de conduta as frases: "que os princípios são tudo, os homens, pouco"; e "tudo entra em nosso plano, menos o homem dentro do seu lar doméstico".

Com referência à política, a folha diária argumentava que aceitaria múltiplas visões, mas destacava a necessidade da “ordem”, lembrando o discurso dos conservadores, grupo ao qual estava vinculado o seu fundador. Assim, também na sua primeira edição, o periódico *rio-grandino* garantia que mesmo respeitando “todas as opiniões”, pugnaria “constantemente pelo triunfo e propagação das ideias de ordem”, a qual “simbolizava a bandeira” debaixo da qual o jornal militaria.

Nessa linha, os pronunciamentos político-partidários do *Diário do Rio Grande*, durante seus primeiros meses de circulação, foram demarcados pelo contexto político brasileiro de 1848, caracterizado pela ascensão dos conservadores ao poder. Para o jornal a nova situação estava completamente legitimada, tendo sido atingida pelas mais lícitas vias, uma vez que “o partido saquarema, que por quase cinco anos gemera sob o domínio da mais bárbara opressão”, obteve “o triunfo legítimo, porque pelejara constantemente neste longo período, já pela imprensa, já pela tribuna”, únicos campos “de combate que esse partido reconhecia para conquista do poder”<sup>3</sup>.

O jornal intentava construir uma visão profundamente negativa dos liberais apeados do governo, qualificando a fase anterior como um “longo e opressivo reinado que acabrunhou o Brasil”<sup>4</sup>; caracterizado pelo constante “violar da constituição e das leis” e por uma administração que teria dividido “a nação em duas partes: a uns chamou amigos, a outros

---

<sup>3</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 19 out. 1848.

<sup>4</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 21 out. 1848.

inimigos; para aqueles liberalizou os favores; para estes, a injustiça, o esbulho dos direitos”<sup>5</sup>. Segundo a folha riograndina, para os liberais faltava o “essencial”, pois “não tinham o senso prático da administração; sobejava-lhes, porém, e muito, o egoísmo interesseiro; e cegos pelo demônio da vingança que os dominava, não deram um passo que não fosse um desmentido a suas promessas passadas”<sup>6</sup>. O *Diário* confirmava sua convicção sobre a justeza da derrubada dos liberais, concluindo que “essa gente” fora “apeada pela Coroa das posições oficiais”, tendo em vista o “bem do Brasil”<sup>7</sup>.

Para o *Diário do Rio Grande*, diante da desastrosa “obra” dos liberais, era “mister que o novo gabinete empregasse forças sobre-humanas para salvar os destinos da pátria”<sup>8</sup>, e, ao encontro dessa ideia, divulgava as palavras de ordem que deveriam nortear o novo governo, ou seja a “prudência” e a “moderação”, que seriam naturalmente inerentes ao comportamento político dos conservadores, associadas à “justiça” e à “tolerância”, todas praticadas, no entanto com “energia”, de modo a combater os “desmandos” advindo do tempo dos liberais no poder, levando assim em frente um “programa simples e claro”, representando uma “fiança de liberdade, ordem e progresso”<sup>9</sup>.

O periódico considerava que o intento da nova administração era a “conservação constitucional”, o que não lhe tiraria a “iniciativa”, nem a condenaria “à

---

<sup>5</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 23 out. 1848.

<sup>6</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 24 out. 1848.

<sup>7</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 25 out. 1848.

<sup>8</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 21 out. 1848.

<sup>9</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 24 out. 1848.

imobilidade”, de modo que o ministério iria “examinar como as diversas molas do sistema funcionavam” e quais as que deveriam “melhorar, sem abalo, sem mudança”<sup>10</sup>. Comparando “o finado e o novo ministério”, a folha rio-grandina apontava neste “todos os elementos de ordem e honra nacional” e, naquele, “homens inteiramente nulos e visionários”, bem como “nomes desconhecidos” no país e alguns até alvo da “ojeriza” nacional<sup>11</sup>.

Defendendo a derrubada de funcionários nomeados pelos liberais nos quadros político-burocrático-administrativos, o diário rio-grandino considerava que para “sua própria conservação e, sobretudo, pelo bem da ordem pública” seria lícito a qualquer governo “exonerar dos cargos de confiança aqueles cidadãos que não a merecessem”, substituindo-os por quem colocasse em execução o programa governista<sup>12</sup> e sentenciava que, “se o ministério e seus delegados nas províncias, por errado cálculo de justiça e tolerância”, consentissem em manter “nos empregos de influência política os seus reconhecidos adversários” seria “o mesmo que habilitá-los com as armas” que utilizariam para escalar “as posições que perderam na gerência dos negócios públicos”<sup>13</sup>.

De acordo com o ideário conservador que à época imputava aos liberais a pecha de rebeldes e desorganizadores das instituições nacionais, o *Diário do Rio Grande*, ainda em 1848, buscava chamar a atenção do

---

<sup>10</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 23 out. 1848.

<sup>11</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 26 out. 1848.

<sup>12</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 14 nov. 1848.

<sup>13</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 10 nov. 1848.

público para as “tendências maléficas, *antimonárquicas* e revolucionárias” do Partido Liberal<sup>14</sup>; afirmando que, diante da “facção anárquica e turbulenta”, os novos governantes deveriam ser “Argos vigilantes na guarda da tranquilidade pública”<sup>15</sup>. Dessa forma, o jornal apontava para o iminente perigo revolucionário que representariam os liberais dentro ou fora do poder:

Ou no governo ou fora dele, conspirando. – Tal é o pensamento, tal é a divisa do partido hoje em oposição! (...) É assim que [esse] partido, todas as vezes que é apeado do poder, que tanto tem profanado, desprezando os meios legais, a tribuna e a imprensa, recorre a ensanguentados movimentos políticos para novamente colocar-se no poder; todos os meios lhe servem para concitar as massas, para iludir os incautos e arrastá-los a seus danados fins! (...) Agora, fora do poder, é bem de supor que eles que não podem sequer defender-se dos males que causaram ao país, quanto mais reconquistar o governo, tratem de lançar mão de seu costumado meio, as revoluções, e para isso é mister que o governo se previna, é preciso toda a energia para com os homens que só conhecem por divisa e só tem por princípios (...) a conspiração.<sup>16</sup>

Transposto o momento mais delicado da mudança partidária, a intensidade do discurso político-partidário do *Diário do Rio Grande* passaria por uma suavização, tendo em vista o privilégio aos interesses

---

<sup>14</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 21 out. 1848.

<sup>15</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 10 nov. 1848.

<sup>16</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 6 dez. 1848.

comerciais do jornal, preocupação ausente nos demais empreendimentos jornalísticos do fundador Caetano da Silva e fator da curta duração dos mesmos. Dessa maneira, desde os primeiros tempos, o diário riograndino intentava manter um certo equilíbrio entre seus objetivos comerciais e a aberta exposição de suas convicções políticas.

A 1º de outubro de 1854, o *Diário do Rio Grande* passou à propriedade de Antônio Estevam de Bitancourt e Silva, militar e proprietário fundiário rio-grandino, e, na mesma data, eram renovados os objetivos editoriais do jornal que se dizia destinado a satisfazer as “multiplicadas exigências do bom gosto e mesmo do luxo” das “civilizadas e opulentas” cidades da zona sul da Província, visando o progresso e os melhoramentos da mesma e do país como um todo. Politicamente, o periódico propalava que ingressaria num caminho apartidário, deixando, inclusive de exibir o dístico de “folha comercial e política” e argumentando que seus únicos interesses passavam a ser comerciais e noticiosos:

Essencialmente comercial e noticioso, o *Diário* não distingue parcialidades políticas: todas as opiniões terão aceitação em suas colunas, contanto que a linguagem esteja em relação com o programa que preside à redação da folha.<sup>17</sup>

O discurso político-partidário do periódico riograndino, mesmo que em escala bem menor que à época de sua fundação, não deixou, no entanto de existir, manifestando-se, de forma mais comedida, ao longo da

---

<sup>17</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 1º out. 1854.

década de cinquenta, notadamente ao final desta. Esse abrandamento do discurso político deveu-se também à fase de indefinição política que marcava o contexto regional, bem como à política de conciliação que caracterizava o quadro partidário nacional.

Na virada dos anos cinquenta para os sessenta, o *Diário do Rio Grande* dedicou-se a sustentar a administração de uma presidência conservadora na Província, utilizando-se de argumentos da mesma natureza daqueles usados dez anos antes, qualificando a oposição liberal como “filha de interesses individuais e esperanças malogradas, de caprichos, ódios e vinganças”<sup>18</sup>. O Partido Liberal era também descrito como estando “sob o comando de gente inepta e louca”<sup>19</sup> e formado por “uma oligarquia”, que queria “se levantar às expensas dos interesses mais legítimos de uma população inteira”, buscando ocupar “todas as posições” e que pretendia “oprimir tudo quanto lhe era avesso, por meio do exclusivismo o mais hediondo”<sup>20</sup>, de modo que aqueles que não estivessem “prontos a sacrificarem-se pela insaciável ambição de algum pretensioso egoísta” ficariam “para sempre relegados e privados de todas as vantagens sociais”<sup>21</sup>.

O “perigo revolucionário” que representariam os liberais ainda continuava marcando o discurso da folha diária rio-grandina, apontando que os partidários daqueles eram regidos por “doutrinas subversivas”<sup>22</sup>, e

---

<sup>18</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 14 mar. 1858.

<sup>19</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 18 mar. 1858.

<sup>20</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 16 mar. 1858.

<sup>21</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 17 mar. 1858.

<sup>22</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 29 maio 1858.

defendia também que os liberais já haviam perdido seu espaço político, uma vez que aquela era uma “época de ilustração e de realidades”, quando não mais fariam “fortuna os apóstolos da ideologia e os sectários dos *Dantons e Marats*”; para o jornal “esses tempos nefandos em que imperavam os terríveis pró-cônsules”, já iam “bem longe”, não deixando “por recordação senão terror, massacres, sangue e o quadro do mais hediondo canibalismo”<sup>23</sup>. Em resumo, o periódico questionava a credibilidade do partido que continuaria apregoando “a resistência armada e a revolta como um recurso lícito e necessário”<sup>24</sup>.

Ao completar doze anos, o *Diário do Rio Grande* enaltecia seu próprio feito, por ter conseguido atingir aquele período de sobrevivência, fato nada comum aos jornais de então e mais uma vez fazia sua declaração de intenções direcionadas à primazia da notícia, adentrando aos caminhos da política somente quando as “circunstâncias” o levassem a tanto<sup>25</sup>. Mesmo assim, o jornal mantinha suas convicções partidárias vinculadas ao ideário dos conservadores, considerados como a representação da “massa da nação nas câmaras, no governo e ao redor do Trono”, estando “realmente dedicados ao país, cuja glória e prosperidade era seu maior anelo” e compreendendo indivíduos que buscavam “o progresso feito com placidez de espírito e segurança” e cujas ideias de reformas não se consistiam em “passos arriscados” e sim em medidas tomadas a partir de “um maduro exame de suas bases”, das

---

<sup>23</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 20 abr. 1858.

<sup>24</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 18 mar. 1858.

<sup>25</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 1º jan. 1860.

“possibilidades do país”, estudando-as “a fundo, para conhecer se poderiam ou não serem dadas com toda segurança”<sup>26</sup>.

A década de sessenta, em sua maior parte, foi marcada por uma fase de silêncio político nas linhas do *Diário do Rio Grande*, característica que se deveu a certa descrença para com a política, manifestada pelo periódico ao afirmar que não se poderia “nutrir uma verdadeira crença política onde o ignóbil individualismo substituía as grandes ideias, os homens e as coisas”<sup>27</sup>. Além disso, a Guerra do Paraguai também contribuiria para essa etapa apolítica, uma vez que o grande interesse público estava voltado para as notícias sobre o evento bélico; o avanço comercial, representado pelo crescente número de anúncios, era também significativo para que a folha tivesse maior cuidado ao lidar com os assuntos de natureza político-partidária.

Além desses fatores, em janeiro de 1866, Antônio Estevam de Bitancourt e Silva, mesmo permanecendo como um dos proprietários, afastava-se da redação do jornal, por motivos de doença, e associava-se a Henrique Bernardino Marques Canarim, bacharel em direito e delegado de polícia do Rio Grande, durante sete anos, que assumiria a partir de então o papel de diretor da redação do diário rio-grandino. O novo redator renovava os intentos originais do periódico, voltados aos interesses econômicos locais, provinciais e nacionais; já, quanto à política, garantia que não patrocinaria “a causa de nenhuma das parcialidades em que se dividia a Província”, pretendendo “manter-se acima de interesses

---

<sup>26</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 22 jul. 1860.

<sup>27</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 23 maio 1863.

que nem sempre eram os da causa pública”, podendo, assim, “discutir estes com o civismo e o patriotismo que deviam guiar todo o órgão da opinião pública” e não como “órgão odiente e apaixonado de parcialidades políticas”<sup>28</sup>.

Ainda em 1867, o *Diário* reforçava as afirmações de, naquele momento, estar sustentando uma postura apartidária:

Não é o *Diário* o órgão de um partido político na Província, nem aos homens, por mais elevados que sejam, move guerra para satisfazer as paixões e rancores em que a atualidade se seva com prazer. Se presta culto às suas amizades, não tem, contudo, contas políticas que ajustar, nem cálculos a realizar com miras de um futuro mais próspero ao domínio exclusivo desta ou daquela parcialidade”.<sup>29</sup>

Apesar dessa anunciada posição, a inversão política de 1868 e a retomada do poder pelos conservadores, levaria o *Diário do Rio Grande* a uma nova incursão nas discussões de cunho político-partidário, com uma maior intensidade no final daquele ano e durante o seguinte. Nesse quadro, o jornal conclamava a população a confiar na Monarquia, no Governo e no Conselho de Estado, “composto das mais robustas inteligências do país” e “dos homens mais eminentes”, que saberiam “salvar a pátria, em crises momentosas porque tivesse de passar”<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 1º-3 jan. 1866.

<sup>29</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 14 abr. 1867.

<sup>30</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 19 jul. 1868.

Segundo o jornal, “jamais para o Brasil e para os amigos de suas instituições, se desenhara situação tão fagueira, como a da elevação ao poder do Partido Conservador”, através da “sábia deliberação da Coroa” de 16 de julho de 1868. Assim, teriam sido chamados para guiar o país “os homens da política que encontravam na Constituição e na lei, recursos para vingar e defender a dignidade nacional, para consolidar a ordem pública e promover a sua prosperidade, sem precisar de ditaduras”<sup>31</sup>.

A oposição liberal era encarada pelo diário riograndino como defensora de “falsas teorias de liberdade” que, “para impugnar a doutrina constitucional”, tentava “iludir o povo”<sup>32</sup>; estando “dominada pelo espírito de uma contradição perpétua”, de modo que “seu padrão político” consistia em “negar as afirmativas dos conservadores”, sendo “oposicionistas por sistema”, obedecendo “cegamente a uma ação fatal” e vivendo “ao capricho de conveniências passageiras”, as quais poderiam “satisfazer ressentimentos pessoais, mas que nunca contentariam as exigências do espírito público”. Mantendo o argumento da ameaça revolucionária representada pelos liberais, o jornal afirmava que “em abstrato, a oposição se proclamava liberal, porém na prática apenas se poderia chamar revolucionária”<sup>33</sup>.

Em 6 de novembro de 1868, a folha rio-grandina qualificava os díspares procedimentos dos liberais no governo e na oposição:

---

<sup>31</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 9-10 nov. 1868.

<sup>32</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 12 nov. 1868.

<sup>33</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 24 out. 1868.

Se o sentido da palavra liberal fosse na prática o que é na teoria, os liberais seriam os defensores de todos os direitos do homem e portanto da ordem, máximo direito da sociedade. A experiência tem demonstrado o contrário; os liberais são opressores e anarquistas. Sacrificaram o dever à conveniência e o direito ao interesse. Quando governam, o poder não tem limites; quando estão na oposição o poder não tem direitos. Quando estão de posse do poder todos os excessos se explicam pela necessidade de consolidar a liberdade; quando caem do poder todos os excessos são permitidos e até louváveis para salvar a liberdade. Com este falso nome de liberais santificam todas as baixezas e glorificam todos os crimes. A história confirma estas desgraçadas verdades.

Procurando desacreditar os pronunciamentos dos liberais, o *Diário* apontava que os mesmos não tinham um ideário bem definido, uma vez que agiam com base na “injúria ou na intriga” e, “em vez de combater por ideias, esgotavam a sua atividade em impotentes desabafos de uma desgraçada raiva”<sup>34</sup>; e, “de longa data”, utilizavam-se “do insulto por argumento”, “injuriando por sistema, declamando por estilo e gritando por hábito”<sup>35</sup>. De acordo com o jornal, “nunca, em verdade, partido político digno do seu nome resvalou a nível tão baixo, como a parcialidade

---

<sup>34</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 20 nov. 1868.

<sup>35</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 21 nov. 1868.

denominada liberal”<sup>36</sup> e respondendo a uma folha desta agremiação, afirmava que “os difamadores por profissão não cansavam, tudo injuriavam, tudo enxoalhavam”, chamando os jornalistas liberais de “réprobos para quem as admoestações decentes nada valiam”<sup>37</sup>.

Mesmo discutindo abertamente a nova situação política, o periódico rio-grandino continuava por afirmar que “nunca fora órgão das parcialidades que se debatiam na Província”, permanecendo porém ao lado daqueles que considerava como defensores da Constituição e da Monarquia<sup>38</sup>, e buscando manter uma conduta alicerçada no respeito aos possíveis adversários, concernente com seu caráter de folha “séria”. Ainda assim, o *Diário* fez campanha aberta por candidatos conservadores, apontados como “rio-grandenses honestos, considerados, inteligentes e cheios de serviços prestados ao país”<sup>39</sup>; além de proclamar que a cidade do Rio Grande, que “amava as instituições políticas, que eram a garantia da ordem e tranquilidade”, não poderia “acompanhar o partido que confundia a liberdade com a anarquia” e que defendia “a resistência armada, quando fora do poder”<sup>40</sup>, em referência direta aos adversários liberais.

Para o diário rio-grandino, os conservadores no poder representavam a garantia das instituições nacionais, pois considerava que “o Partido Conservador não cederia à ameaça de revolução, nem à grita

---

<sup>36</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 11 abr. 1869.

<sup>37</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 3-4 maio 1869.

<sup>38</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 12 nov. 1868.

<sup>39</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 5 fev. 1869.

<sup>40</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 9-10 nov. 1868.

inconsiderada de reforma”, obedecendo, isto sim, “às leis do aperfeiçoamento lento e gradual da sociedade, meditando e avançando”; ao estar “resolvido a combater a propaganda revolucionária de reformas na Constituição, abria franco caminho às legítimas aspirações da liberdade”, não se recusando “a mover todos os obstáculos” para que as mesmas se completassem, desde que respeitada a “sua divisa de desenvolver progressivamente os grandes e fecundos princípios constitucionais”<sup>41</sup>.

Ainda em 1870, prosseguiam as manifestações contrárias ao Partido Liberal que não teria conseguido “pensar nem promover o bem-estar moral e material de seus concidadãos”<sup>42</sup>, através de seu “radical” plano reformista. Segundo o *Diário do Rio Grande* “a necessidade de reformas era um sentimento unânime da população brasileira”, porém, apontava para o verdadeiro “abismo que separava a moderação do princípio conservador, da exageração do princípio liberal” e explicava que “para o conservador a reforma era um melhoramento da legislação, um desenvolvimento das instituições, uma consolidação das garantias consagradas”, enquanto, “para o liberal, reforma significava a ruína do que existia, a perturbação do regime constitucional e o aniquilamento das tradições”; preferindo a “opinião pública” valorizar as “reformas circunspectas e refletidas do Partido Conservador”, não tomando a “sério os cartazes de reforma da oposição liberal”<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 17 set. 1869.

<sup>42</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 4-5 abr. 1870.

<sup>43</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 16 jan. 1870.

Já com mais de duas décadas de existência<sup>44</sup>, o *Diário do Rio Grande* demonstrou amplo entusiasmo pelo encerramento da Guerra do Paraguai, apresentando editorial que demarcava o fim do conflito<sup>45</sup>. Na matéria, o jornal agradecia pelo obséquio recebido contendo o boletim de uma publicação argentina, “transmitindo as satisfatórias notícias da terminação da guerra e da morte do tirano Lopez”. Tal informação viria a juntar-se às “peças oficiais” que o jornal fizera conhecer aos assinantes no boletim publicado anteriormente, “acerca de tão importante acontecimento”, bem como divulgara “a participação oficial que dirigiu o ministro brasileiro residente em Buenos Aires à nossa legação em Montevidéu”.

O periódico estampava as armas nacionais, vivendo o Exército, o Imperador, o Conde D’Eu e o general Caxias e demarcava que a notícia em pauta serviria para aplacar as possíveis desconfianças quanto à real terminação da guerra. Nesse sentido, o jornal afirmava que “se a alguém era dado duvidar da veracidade de tão notáveis feitos da intrépida expedição do comando do valente general Câmara”, estaria desfeita a dúvida, de modo que o “coração aplaudia esses grandes triunfos”, os quais teriam servido para firmar “para o Exército brasileiro a sua mais gloriosa página”.

---

<sup>44</sup> Histórico do periódico entre 1848 e 1870 estabelecido a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 157-165.

<sup>45</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 16-17 mar. 1870.



A publicação reiterava a informação acerca “da conclusão da guerra, que em defesa da liberdade e civilização se fazia à ominosa e bárbara tirania de Francisco Solano Lopez”, que era “continuador da de seu pai e da de Francia”. Demarcava que “finalmente chegara o momento do completo triunfo para os que o

conseguiram”, após os “imensos sacrifícios que fez a Tríplice Aliança para alcançá-lo, e que será um grande acontecimento nos fastos americanos”, ou seja, “a queda do monstro da tirania, que desonrava a todo esse continente” e “assolava e assassinava uma parte dele”. No que tange “à morte do tirano”, a mesma era considerada como “devida a não querer render-se”, de modo que não poderia ser considerada “como um castigo, porque não o alcançaria a satisfazer a milionésima parte do mal que fez”, permanecendo o manifesto desejo de “que Deus o tenha julgado com benignidade”.

Em seguida eram divulgados telegramas acerca do ocorrido, com ênfase para a morte de Lopez e a prisão de alguns de seus parentes, havendo felicitações “por tão gratas notícias” e vivas “às armas aliadas”. Era reforçada a notícia de que “a Guerra do Paraguai terminou” e “o general Câmara, por um feito de armas, venceu Lopez”, que, “não querendo entregar-se prisioneiro foi morto”. Também era saudada “a terminação da guerra” e o “inteiro desagravo que teve o Brasil do tirano do Paraguai”.

As repercuções do término do conflito bélico na cidade portuária foram também noticiadas pelo *Diário do Rio Grande*<sup>46</sup>, o qual informava que, “por ocasião de saber-se das importantes notícias do teatro da guerra, começou a manifestar-se o regozijo público”, sendo “queimado grande número de foguetes”. Houve ainda o fechamento de repartições, como a Alfândega e a Mesa de Rendas e “o grande número de navios fundeados no porto embandeiraram”. À noite houve apresentação de

---

<sup>46</sup> DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 16-17 mar. 1870.

músicas em vários pontos da comunidade, bem como apresentação teatral e recital de versos.

Outro periódico diário que circulava na cidade do Rio Grande em 1870 era *O Comercial*, criado em maio de 1857 por Francisco de Paula Cardoso, um comerciante rio-grandino, ligado às lides tipográficas. Cardoso atuou na publicação até a sua morte, em 1865, quando foi substituído em suas atividades por seu filho homônimo. A linha editorial dessa folha, conforme seu próprio título, foi essencialmente comercial, pois seu proprietário pretendia organizar uma publicação que prestasse a melhor informação, quantitativa e qualitativamente, a respeito do setor mercantil, intentando, assim, auxiliar na organização e desenvolvimento de uma das bases da estrutura econômica da cidade do Rio Grande. Além de preocupar-se com as atividades comerciais, o periódico buscava atender também a outros setores produtivos da Província, chegando a auto-intitular-se como “jornal de indústria e agricultura”.



Nesse sentido, o jornal propunha a ocupar-se “dos interesses gerais do país”, dando “uma atenção especial ao sul da Província, atendendo com preferência a tudo quanto interessasse ao comércio”<sup>47</sup>. E, revalidando seu programa, o periódico garantia que, “dedicado aos interesses gerais do comércio, sempre ligados com os da Província”, não deixaria “de advogá-los e de reclamar tudo quanto pudesse lhe ser útil, respeitando sempre as conveniências devidas e os direitos de terceiros”<sup>48</sup>. *O Comercial* objetivava, dessa forma, desde os seus primeiros tempos, colocar-se como um respeitável jornal diário, representante da imprensa séria e destinado a prestar significativos serviços à comunidade rio-grandina e, mais especificamente às atividades produtivas sul-rio-grandenses.

De acordo com esses objetivos eminentemente comerciais, a folha mercantil, durante os anos iniciais de sua circulação, insistia em apresentar-se como uma folha apolítica, declarando que o seu programa “excluía a palavra política”, diante do que estava imposta “uma obrigação que não tentaria menosprezar”<sup>49</sup>. Pretendia, dessa maneira, evitar “toda e qualquer ocasião de tomar uma parte ativa na luta encarniçada dos partidos”, limitando-se “em advogar as necessidades desta parte da Província, apontando às vezes os meios de remediá-las, repetindo as queixas que ouvia sair de respeitáveis bocas” e apontando os “irreparáveis prejuízos” que o comércio estaria sofrendo, cumprindo o “dever” que

---

<sup>47</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 13 fev. 1859.

<sup>48</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 3-6 maio 1862.

<sup>49</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 1º jan. 1859.

havia imposto a si mesma de sempre “conservar a neutralidade que tinha proclamado”<sup>50</sup>.

Os intentos basicamente mercantis do periódico rio-grandino, em detrimento das discussões políticas ficavam expressos em uma das principais campanhas movidas pela folha durante a sua existência, mormente na primeira década, que consistia no combate ao contrabando, através da instauração da “tarifa especial” que protegeria a negociação dos produtos rio-grandenses:

Não é o espírito de partido que nos convida a emitir algumas observações sobre o estado atual da Província, considerando seus interesses gerais e particulares; não é tampouco uma necessidade de fazer censuras que nos anima a expender nossa humilde opinião [uma vez que] tão fúteis e pequenos motivos, dominando por momentos o espírito, o desviam frequentes vezes, lançando-o no errado caminho das paixões (...).

Os interesses da Província do Rio Grande ressentem-se poderosamente da estagnação de seu comércio (...). Os direitos de exportação, que aumentam o preço dos gêneros provinciais, são tão perniciosos ao seu bem-estar que, longe de favorecer o seu comércio e a sua indústria, os destroem (...). A morte de nosso comércio está bem próxima, se um remédio enérgico e pronto não for administrado; e qual este remédio? O já reclamado pela imprensa, aconselhado pelo próprio comércio. Uma tarifa especial.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 30 mar. 1859.

<sup>51</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 27 jun. 1858.

Ainda atuando em prol da tarifa que remediaria as perdas advindas do comércio ilícito, o jornal chegou a concluir toda a imprensa rio-grandense a que sustentasse aquela causa, “desde tanto tempo encetada, sem que uma decisão” animasse as “esperanças” da comunidade gaúcha. Apelava, assim, em “nome do patriotismo e da convicção” que todas “as forças se unissem”, de modo a “apresentar um conjunto respeitável que merecesse a atenção do governo”, para que se pudesse “adquirir os meios indispensáveis para o comércio recuperar a atividade” que teria perdido, dando “ao sul da Província aquela vida e animação que tanto contribuía para a sua felicidade e aumento”<sup>52</sup>.

As poucas manifestações de cunho político expressas pelo jornal durante sua década inicial referiam-se a uma não aceitação das coligações partidárias. Segundo a folha, a política de “conciliação” já tivera seu papel na instauração da estabilidade no país, porém, com o passar do tempo, tornava-se cada vez mais inviável, apontando para “a impossibilidade de reunir sob a mesma bandeira, homens que haviam combatido, sem vistas particulares, debaixo de estandartes de diversas cores”; de modo que não se poderia “desconhecer que da sua mútua oposição, imensos bens tinham resultado para o Brasil”, sendo, assim, “inadmissível toda e qualquer política conciliatória, cujo fim fosse amalgamar os partidos, para formar um que pensasse, obrasse, visse e falasse unicamente como ela”<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 24 abr. 1859.

<sup>53</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 12 nov. 1858.

Ainda com referência às alianças partidárias, o diário comercial criticava a ação da “Liga” e da “Contra-Liga”, afirmando que “apenas trânsfugas tinham engrossado as fileiras” daquelas coligações, ao passo que “os cascos de partido” haviam “se conservado firmes”, pois estava “reconhecido que a homogeneidade política num governo monárquico constitucional seria o seu garrote e o descrédito mais palpável que mereceriam suas instituições”. De acordo com esta idéia, o jornal propunha-se a não dar “à Liga e à Contra-Liga o nome de partidos”, uma vez que consistiriam somente numa “graduação de cores políticas”, que, de acordo com as conveniências, se tornavam “convergentes todas para um mesmo raio, onde se confundiam, conservando contudo a sua tinta especial”<sup>54</sup>.

Assim, *O Comercial*, durante sua primeira década, trilhou um caminho bastante distanciado das disputas político-partidárias, tendo em vista sua opção de ser uma folha essencialmente mercantil bem como devido aos seus interesses comerciais, visando um incremento no volume de publicidade, além do que, com a Guerra do Paraguai, a divulgação dos embates partidários perdia espaço para as notícias sobre o evento bélico. Mesmo assim, o periódico já manifestava alguns pensamentos que demonstravam uma certa aproximação com os princípios conservadores. Na perspectiva do jornal, nas poucas vezes em que se lançara na política, arvorara a sua “bandeira, a da moderação”, a qual, “como o paladino das garantias do povo”, afastava “a anarquia, os excessos políticos que alguns energúmenos desejavam inocular num país

---

<sup>54</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 31 jan. 1862.

jovem ainda entre as nações, porém envelhecido pelos exemplos" que tinha dado "na sólida prática de uma liberdade regulada pelas leis"<sup>55</sup>.

Esses indícios de um vínculo ao ideário conservador se confirmaram a partir da inversão política de 1868, quando a folha comercial deixou transparecer mais abertamente a sua filiação partidária. Destacando que suas ideias não eram compatíveis com a política de "indefinições" partidárias, o jornal explicava sua posição favorável ao Partido Conservador:

Desde sua origem, o jornal que redigimos teve princípios definidos, advogou tudo quanto podia contribuir para o bem-estar do Império, e com muita especialidade o desta Província. Nunca se envolveu no labirinto de uma política indefinida, porque reconhecia que o fio da justiça e da razão não podia guiá-lo através dos carreiros que o capricho traçava, cobrindo-os de armadilhas, às vezes disfarçadas com flores e adornadas como num dia festivo, com galhardetes de vistosas cores e retumbantes dísticos. O *Comercial* sempre quis e continua a querer a liberdade pela Constituição, tal qual está definida naquele código, único realmente livre entre todos os que existem (...). Os partidos parecem definir-se e com eles a política do país, alistamo-nos sob a bandeira que levou o Brasil ao progresso e melhoramento moral, que reuniu em suas fileiras tudo quanto o Brasil possui de mais ilustrado, benemérito e patriota (...). O *Comercial*, pois, advoga e defende esta causa que é combatida

---

<sup>55</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 3-6 maio 1862.

pelos adeptos do arbítrio e da violência da liberdade do voto.<sup>56</sup>

De acordo com esta convicção, *O Comercial* publicou, dos últimos meses de 1868 até o início de fevereiro de 1869, uma série praticamente diária de artigos denominados “A situação: com o povo e pelo povo”, nos quais, de forma doutrinária e sistemática, buscava explicar as contingências políticas de então. Para o jornal, o partido situacionista estava realizando um grande serviço ao país, corrigindo os erros cometidos à época dos liberais no poder. Nessa linha, a folha encetava a construção do conflito discursivo pelo qual se estabelecia a visão do adversário - o Partido Liberal - enquanto dedicava grande espaço ao enaltecimento dos feitos do “partido da ordem”. Ao estabelecer pronunciamentos de natureza política com uma veemência até então não praticada, o periódico intentava preparar a opinião pública para as eleições que se realizariam a 31 de janeiro de 1869, movendo forte campanha de apoio aos conservadores.

Na opinião da folha, o Partido Conservador constituía-se no legítimo representante do liberalismo, uma vez que seus membros “não eram refratários” e sim “os verdadeiros liberais”, já que queriam “a liberdade plácida e tranquila e não o despotismo, a república e a licença”, pois tinham “a liberdade debaixo de um ponto de vista muito mais sublime e grandioso do que aqueles que se diziam verdadeiros liberais. Destacando o “risco revolucionário” representado pelos liberais, o jornal explicava que os conservadores queriam “o progresso e

---

<sup>56</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 30 out. 1868.

o bem-estar da Pátria e dos seus cidadãos”, não desejando “dominar pela força” e não fazendo com que os brasileiros “empunhassem armas contra seus irmãos”, querendo “a liberdade sem derramamento de sangue”; ao passo que os liberais desejavam “a anarquia, a ditadura e a república ensanguentada e descarnada com todos os seus horrores”<sup>57</sup>.

O jornal buscou estabelecer uma imagem extremamente negativa dos liberais os quais deveriam ser sempre combatidos, referindo-se à agremiação liberal como “uma planta parasita, que nascera e se sustentara da seiva da massa da nação”; diante do que, “em todos os tempos e em todas as condições”, reunira-se “a maioria da nação”, para combater às “exageradas, senão injustas pretensões” liberais, sustentando, assim, “a todo transe”, a “independência e a manutenção das instituições”, reagindo ao “radicalismo” daqueles e “afastando da gestão dos negócios públicos, os espíritos dísculos e deslumbrados”, substituindo-os por elementos portadores de “ideias compatíveis com a prudência e a moderação”, de modo que o país seguisse “na sua marcha sempre progressiva”, levando “o Brasil a um alto ponto de prosperidade, sossego, melhoramentos materiais e importância”<sup>58</sup>.

As críticas aos liberais direcionavam-se também à consideração de que os mesmos eram praticantes de uma conduta completamente contraditória, adaptando-se às conveniências políticas de cada momento, não relevando o valor dos princípios e não se importando em desmentir asserções antes consideradas como verdades

---

<sup>57</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 9-10 nov. 1868.

<sup>58</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 30 nov. e 1º dez. 1868.

incontestáveis. De acordo com o diário mercantil o Partido Liberal não ambicionava “o poder pelo bem do povo”, e sim, “apenas para satisfazer planos individuais, e levar ao cabo combinações efêmeras, que teriam por resultado, a desgraça do Brasil”, devendo estabelecer-se uma reação à esta possibilidade, a qual poderia ser manifestada por meio das urnas, não devendo ficar “o povo desprecavido”, nem deixar-se “levar pelas perniciosas palavras de seus refalsados amigos”<sup>59</sup>.

*O Comercial* enaltecia os valores morais demonstrados pelos conservadores ao longo da história brasileira, buscando demonstrar “os serviços prestados ao país” por aqueles “homens eminentes”, de cuja “escola política tinham saído os princípios” sempre “aplicados ao progresso do Brasil”, realizando “fatos incontestáveis” e promovendo “glórias bem reconhecidas e tão deslumbrantes que apagavam os fracos traços de tudo quanto contra eles se tinha dito”<sup>60</sup>. Nesse sentido, o jornal censurava as formas de combate político utilizadas pelos liberais, os quais, “para sustentar uma causa pouco sincera, encontravam por únicos esteios a mentira, o insulto e o frenesi das paixões”, duvidando “da justiça de um partido que combatia unicamente com vitupérios, inventando e propalando vícios e defeitos que não existiam”<sup>61</sup>. Segundo a perspectiva da folha, o partido que tolerasse “semelhantes desmandos, perderia o respeito que havia merecido, e a consideração a que tinha direito”<sup>62</sup>.

---

<sup>59</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 18-19 dez. 1868.

<sup>60</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 30 nov. e 1º dez. 1868.

<sup>61</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 7-8 jan. 1869.

<sup>62</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 20 jan. 1869.

Ao contrário, o comportamento do Partido Conservador era extremamente elogiado, pois o mesmo “nunca” teria consentido que o caráter de “seus adversários fosse atado ao pelourinho da maledicência ou açoitado pelo insulto” ou que fosse derramado “o fel amargo da mentira” sobre as reputações. Para o periódico, “esta leal conduta” fora “a mais feliz política que convinha seguir”, de modo a não se deixar levar pela “pequenez de espírito” e para garantir a “lealdade de suas convicções”; empregando “sempre todo o decoro” e, por isso, merecendo o “acatamento e a confiança pública”. Assim, o partido situacionista, “cônscio de sua importância no Império”, poderia “sem corar, apresentar-se em todas as crises como a tábua de salvação do Estado”, conservando-se “muito acima das tretas”, uma vez que, “da luta travada entre os partidos, a lealdade” não deveria ser “excluída e, pelo contrário, desejada ardemente”<sup>63</sup>.

De acordo com o diário comercial, os conservadores tiveram significativa importância desde os primórdios da formação do Estado Nacional Brasileiro, quando teriam garantido a estabilidade das instituições, destacando que “o Partido Conservador, desde a fundação do Império, durante as procelas políticas que haviam assaltado a sua marcha e impedido o seu desenvolvimento”, teria se constituído no “único que compreendera com sabedoria e incontestável tino a marcha que lhe convinha seguir e as medidas que deveria adotar para livrá-lo dos excessos que em nome da liberdade”, foram cometidos “sempre em detrimento dos povos e do governo”. Ponderava o jornal que “a

---

<sup>63</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 25-26 jan. 1869.

história pátria” havia “conservado preciosamente estas épocas, estes esforços e seus felizes resultados”<sup>64</sup>.

A ode de enaltecimentos ao Partido Conservador era confirmada na afirmação de que “em todas épocas”, ele havia “sido o paladino das liberdades públicas, o redentor do país”, o qual fora lançado pelos liberais “em funestas tentativas para o campo das inovações, que observadas de perto muito se pareciam com aquelas pinturas antigas”, as quais muito perdiam “com o verniz que lhes era aplicado, com pouco gosto e exageradas despesas”. O partido governista era ainda comparado a um “viveiro que tinha oferecido ao Brasil as necessárias capacidades para dirigir com prudência e sabedoria todos os ramos da administração externa e interna”, as quais abririam “o caminho do progresso”. Na perspectiva da folha, o Conservador era o único partido que poderia invocar “o testemunho da história pátria” quando pretendia legitimar sua causa, pois fora “sempre chamado para curar as feridas da Pátria”, já que se consistiria no “timoneiro prudente que através dos perigos e dos embaraços” viria guiando “a nau do Estado, livrando-a da guerra civil, da bancarrota e quiçá da separação das partes preciosas que formavam o seu todo”<sup>65</sup>.

Nesse quadro, *O Comercial* promovia acirrada campanha pelos candidatos conservadores, apresentando este grupo como portador de todo o crédito de parte da opinião pública. De acordo com a visão do periódico, não se poderia negar “ao Partido Conservador a força e as simpatias que tinha na maioria

---

<sup>64</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 10 jan. 1869.

<sup>65</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 10 jan. 1869.

do Brasil" e, uma vez "subindo ao poder", fora "saudado pela confiança pública" e as suas fileiras reforçaram-se "com numerosos atletas para disputar no campo eleitoral a vitória aos liberais". Diante dessas afirmativas, o jornal acreditava que "o povo não se deixaria iludir por altissonsantes palavras, promessas sempre repetidas e tão poucas vezes cumpridas", levando ao êxito eleitoral a única agremiação que poderia "assegurar no Brasil a tranquilidade e o progresso, sob a égide" constitucional<sup>66</sup>.

No mesmo sentido, o periódico afirmava que "ao povo pertencia unicamente ditar a sentença eleitoral", diante do que acreditava que seria feita a justiça para aqueles que teriam "sempre conseguido o progresso do país, sem embalá-lo com falazes promessas, sem acusar sua ignorância, nem ferir seu amor próprio, apresentando-se como os únicos que deviam ser escolhidos, para a prosperidade do Brasil"<sup>67</sup>. De acordo com o jornal, "fiel às tradições pátrias", o povo não poderia recuar, dedicando "seu sufrágio a favor do único partido" que contribuiria para a benéfica formação da sociedade brasileira, não podendo também esquecer-se de que "seu precioso sangue nunca fora necessário para sustentar uma ideia, uma ambição ou um capricho do Partido Conservador". Dessa maneira, a folha conclamava o povo a consultar sua consciência, mantendo "na urna a dignidade do único partido que sustentava e defendia todos os seus direitos, sem dele exigir algum sacrifício, além da confiança"<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 18-19 dez. 1868.

<sup>67</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 30 nov. e 1º dez. 1868.

<sup>68</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 10 jan. 1869.

Mais uma vez, a folha mercantil destacava o comportamento ilibado que teria caracterizado a campanha eleitoral promovida pelo Partido Conservador, como uma das causas que faziam desta agremiação a merecedora do apoio popular, apresentando os conservadores como “os cidadãos que respeitavam seus adversários”, os quais, por sua vez, só conheciam “o insulto para combater, a grosseria para disputar a vitória eleitoral e as invectivas mais atrozes para advogar sua perdida causa”. Para o periódico, os conservadores haviam elevado “tão alto a luta eleitoral, que nem a seus pés chegaria o eco das catilinárias contra eles, seus chefes e seus candidatos, proferidas todos os dias” pelos liberais que, por sua vez, não poderiam, como no caso dos membros do partido da ordem, “desafiar a injúria e pulverizar os esforços de seus ingratos e míseros inimigos políticos”<sup>69</sup>.

Segundo *O Comercial* o Partido Conservador havia galgado sua situação através de serviços prestados e méritos próprios, ao passo que os liberais, quando no poder, só o tinham utilizado para locupletar-se. Considerava, dessa maneira, que os conservadores eram “os obreiros de sua posição, de sua influência e de seu elevado lugar” o qual ocupavam “na comunidade brasileira, enquanto o Partido Liberal tinha sido sempre o zangão”, que vinha devorando aquele “mel, com tanto labor fabricado na colmeia governativa”, de modo que ao passarem pelo poder, da “prosperidade nas finanças”, os liberais teriam apenas “deixado por herança a miséria e os embaraços”<sup>70</sup>. De acordo com esta

---

<sup>69</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 30 jan. 1869.

<sup>70</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 30 jan. 1869.

convicção, o periódico não só utilizava como argumento a incapacidade administrativa da agremiação liberal, como apelava para uma séria acusação contra a idoneidade da mesma no gerenciamento da máquina e do dinheiro públicos, no intuito de desqualificar ao máximo as candidaturas liberais diante do iminente processo eleitoral.

Na véspera da eleição, o jornal rio-grandino exaltava as qualidades da agremiação conservadora, as quais justificariam o merecimento da confiança pública a ser manifestado nas urnas:

Os conservadores têm sido e hão de ser ainda os homens sobre os quais o Brasil aflito tem lançado suas vistas para sair incólume dos perigos ou arriscados passos, em que havia sido levado pelo partido dito liberal, quando se tem achado nestes últimos anos à frente do governo. Os conservadores são aquele viveiro de patriotas para os quais nenhum sacrifício, nenhuma injúria é sensível, quando o país deles reclama o verdadeiro talento administrativo, a verdadeira devotação aos interesses gerais do Brasil. Os conservadores são aqueles gênios modestos, mas sem rivais, que na tribuna tão alto têm elevado o nome brasileiro, na diplomacia o têm feito respeitar, aos mercados estrangeiros têm firmado o seu crédito, e nos campos de batalha guiado suas valentes falanges e nos rios e mares inimigos sustentado inabalável seu pavilhão glorioso (...). Os conservadores são aquela massa compacta de homens sinceros, amigos de seu país, que, ouvindo um gemido ou prevendo uma opressão, se reúnem para opor um dique à onda revolucionária, que por repetidas vezes tem

querido invadir o Brasil, em nome da (...) ambição e dos interesses particulares de alguns liberais (...).

Neste pequeno esboço (...) nada de novo apresentamos, apenas comprovamos com a verdade, a pouca lealdade dos nossos adversários quando se ocupam com o distinto e patriótico Partido Conservador.<sup>71</sup>

A 31 de janeiro de 1869, data do sufrágio, o diário mercantil ainda publicava uma mensagem, afirmando que o povo sempre reconhecia “os esforços dos conservadores em prol do aumento material do país e da necessidade de melhorar sua agricultura, indústria e comércio” e não esqueceria “o serviço que por muitos anos tinha recebido e os melhoramentos que deveria esperar de um governo ilustrado, para quem o bem-estar do Brasil, sem abalos, nem tirânicas exigências, era um dever”, desde que seguidos “os ditames da Constituição”, governando “sempre escudando-se com a lei e a sua inabalável justiça”. Passada a eleição, o jornal, certo da vitória conservadora, destacava que “a urna decidira a questão e dissipara todas as dúvidas”, as quais não teriam abalado “as crenças dos amigos da lei, do Trono e da prosperidade do país”; diante do que agradecia ao povo “pela sua firmeza e justiceira conduta” e dava “sinceros parabéns” aos conservadores “pelo seu triunfo que deveria contribuir poderosamente para o bem-estar do Brasil”<sup>72</sup>. Terminado o processo eleitoral, *O Comercial*, após ter concentrado forças no debate político-partidário, retornou a suas práticas

---

<sup>71</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 30 jan. 1869.

<sup>72</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 6-7 fev. 1869.

essencialmente voltadas às informações sobre o comércio<sup>73</sup>.

Ao término da Guerra do Paraguai, *O Comercial* publicou editorial de exaltação pelo fim do conflito<sup>74</sup>, explicitando que o telégrafo dera “uma boa notícia”, traduzida pelos dizeres: “Lopez é morto; a guerra está acabada; o Brasil triunfa; a honra nacional está vingada”. Em alusão ao líder militar gaúcho, a folha exaltava que “o general Câmara deu cabo do monstro, e dessa campanha que parecia interminável”. Como um continuador de outros militares rio-grandenses, Câmara era identificado como “o sucessor de Andrade Neves” e “o êmulo de João Manuel Menna Barreto”, tendo coroado “com um triunfo supremo a sua rápida e gloriosa carreira”. Ainda em relação ao ato final do confronto, a publicação exortava por “glória ao bravo general” e “aos valentes que o acompanhavam”.

A perseguição final de Solano Lopez era caracterizada por *O Comercial* como uma “breve e gloriosíssima campanha”, a partir da qual aquele “ilustre guerreiro” gaúcho oferecera “à pátria a oliveira da paz enramada nos louros de uma última, de uma suprema e esplêndida vitória”. A folha se propunha a abordar “os detalhes dessa peregrinação audaz, dessa marcha de bravos através do deserto”, enfatizando o papel dos “manes heroicos e valentes” na execução da mesma. A publicação lembrava os “bravos que morreram

---

<sup>73</sup> Histórico do jornal desde a sua fundação até a época do fim da Guerra do Paraguai estabelecido a partir de: ALVES, 2002. p. 209-217.

<sup>74</sup> O COMERCIAL. Rio Grande, 16-17 mar. 1870.

mordendo o último cartuxo” e da “varonil figura do herói chefe de heróis” que apavorava os inimigos.

O periódico também trouxe em sua página inicial a imagem do escudo imperial, enaltecedo o termo da guerra e a última vitória, vivendo o Exército, a Armada, o Príncipe e o general Câmara. Ainda ao descrever os acontecimentos derradeiros do confronto, o jornal demarcava que, “no meio dessas selvas, desses matagais inóspitos, lá foi o bravo Câmara”, junto de “seus valentes, selar a nossa vingança, e a incontrastável firmeza do povo brasileiro sobre o cadáver sangrento do seu insultador”. Com ardor, a folha exclamava que “o Paraguai está finalmente salvo; é livre; pode-se reger por si”, devendo o Brasil cuidar dos seus, pois “a pátria os chama, vicejam as palmas que têm de coroá-los; o povo espera-os com ânsia, e a guerra está acabada”.



O diário rio-grandino conclamava por “glória ao Imperador, ânimo férreo, que nunca descreu da nação, que não desacoroçou nunca de chegar até este resultado”, bem como por ter sido ele que encarnou “em si o sentimento público, e que, como a nação em peso, preferia abdicar a deixar a obra do porvir em meio”. O

governante era também glorificado por ter sido “o irmão solícito do voluntário da pátria, do guarda nacional e do soldado”, assim como levara “as legiões imperiais” pelos “sertões do Paraguai, vencendo sempre, e sempre núnco de paz e liberdade”. O jornal clamava ainda que voltassem “depressa nossos bravos”, pois “a pátria os chama” e vicejavam “na colina as palmas que têm de coroá-los”, estando o povo a esperá-los.

A glorificação da folha rio-grandina também se destinava “aos aliados, que não nos desacompanharam no empenho até a última hora” e “que misturaram ao nosso seu sangue generoso”. Desejava também “que o governo complete essa brilhante fé de ofício”, proporcionando “não uma, mas uma série de distinções em combate”. Pretendia ainda “que as dragonas do marechal cubram os ombros sobre que a mão da providência acaba de por o manto da última vitória no derradeiro, no supremo dia” da guerra. O diário mercantil dava ainda “glória ao bravo Silva Tavares, o chefe dessa cavalaria magnífica, que excede o próprio juízo do legendário Garibaldi”, e que teria ido ainda mais além. Glorificava também a todos aos quais “deve a nação seu triunfo, a paz, a glória incontestável com que volta dessa tremenda guerra”.

Ainda na mesma edição<sup>75</sup>, *O Comercial* divulgava os telegramas que noticiavam os episódios derradeiros do confronto bélico e anunciava o “regozijo público” que ocorrera no Rio Grande, com as comemorações pela terminação da guerra, permanecendo “a população, cheia do maior prazer, a manifestar a sua satisfação pelas notícias recebidas da

---

<sup>75</sup> *O COMERCIAL*. Rio Grande, 16-17 mar. 1870.

conclusão da guerra”, descrevendo as solenidades transcorridas, todas “com grande concorrência de povo”. Os informes também se estendiam à vizinha cidade da comuna portuária, com a divulgação de que “a notícia da conclusão da guerra foi recebida em Pelotas, com grande entusiasmo”, tendo havido “músicas pelas ruas, grande concorrência de povo, recitações e versos análogas às notícias recebidas, finalizando os festejos alta noite”.

Assim, nos quadros do desenvolvimento da imprensa sul-rio-grandense, o jornalismo da cidade do Rio Grande desempenhou um papel relevante ao longo do século XIX, fosse por apresentar algumas das publicações precursoras, fosse pela sua evolução quantitativa e qualitativa. Nesse contexto, surgiram folhas diárias significativamente longevas que marcaram época na comuna portuária, dentre eles o *Diário do Rio Grande* e *O Comercial*, ambos identificados com o ideário conservador. Apesar do viés partidário, o primeiro periódico notabilizou-se por uma proposta essencialmente noticiosa, enquanto o segundo privilegiou as informações de cunho mercantil. Com suas particularidades editoriais, ambos tiveram na Guerra do Paraguai uma das pautas mais constantes em suas páginas, de modo que, a terminação do conflito, encontraria lugar especial nas suas matérias editoriais.

Nesse contexto estiveram inseridos os artigos de fundo publicados em cada um dos jornais, em 16-17 de março de 1870, alusivos ao final da Guerra da Tríplice Aliança, guardando características até mesmo de uma edição especial, inclusive com a inserção de uma ilustração, inclusão bastante rara para os padrões gráficos de então. Guardadas as respectivas

peculiaridades, os dois diários enalteceram o episódio em destaque, ressaltando a eliminação do “ditador paraguaio”, a suposta libertação do povo guarani e a vitória dos aliados, mormente dos brasileiros, com ênfase aos líderes militares gaúchos. Mantendo sua característica essencialmente informativa, o *Diário do Rio Grande* estabelecia a proposta enaltecedora, com um entusiasmo mais ameno, enquanto *O Comercial* foi mais enfático, com predomínio de um maior fervor patriótico. Em meio a um público que passara por praticamente meia década sedento por informes a respeito do teatro de operações no Paraguai, as notícias e os comentários que foram proporcionados por ambas as folhas diárias rio-grandinas serviram como um lenitivo para as angústias e aflições que tomavam conta dos espíritos no seio da sociedade rio-grandina e sul-rio-grandense de então.

# O término da Guerra da Tríplice Aliança nas páginas de duas revistas ilustradas e humorísticas da Corte

A imprensa ilustrada voltada ao humor e à caricatura veio ao encontro do gosto do público leitor brasileiro na segunda metade do século XIX. As publicações caricatas se espalharam pelas mais importantes localidades do Brasil, com destaque para aquelas editadas no Rio de Janeiro, epicentro cultural e caixa de ressonância dos acontecimentos nacionais. A partir da incorporação das imagens, que se somavam aos textos, tal gênero jornalístico encontrou um mercado consumidor ainda mais amplo, mormente por oferecer um produto diferenciado e até mesmo alternativo em relação àquele que se autodenominava como jornalismo sério. Essas folhas humorístico-ilustradas tinham uma pauta editorial calcada na crítica, na ironia e na jocosidade, apresentando registros caricaturais das vivências sociais que suas páginas retratavam<sup>76</sup>.

---

<sup>76</sup> Sobre a imprensa caricata brasileira e, especificamente, a carioca, ver: FLEIUS, Max. *A caricatura no Brasil. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 583-609; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala

## A *Semana Ilustrada* e o regozijo pelo fim do conflito subcontinental

A *Semana Ilustrada* foi editada no Rio de Janeiro entre 1860 e 1876, contendo oito páginas, metade com textos, metade com gravuras. O periódico publicava poesias, crônicas e contos, em um quadro pelo qual, as crônicas ficavam ao encargo do “Dr. Semana”, figura que representava a redação da folha, e que comentava os acontecimentos semanais junto do seu “Moleque”, um pequeno escravo, que atuava como auxiliar do primeiro. Em sua redação e nas colaborações estiveram alguns dos mais conhecidos escritores e jornalistas então, dentre eles Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães. Também contava com correspondentes na Guerra contra o Paraguai, como Joaquim José Inácio, Antônio Luís von Hoonholtz e Alfredo d’Escragnolle Taunay<sup>77</sup>. Esteve sob a direção de Henrique Fleiuss, e foi totalmente desenhada e litografada por ele durante os primeiros números, vindo depois a contar com a cooperação de H. Aranha, Aristides Seelinger, Ernesto Augusto de Sousa e Silva e Aurélio de Figueiredo<sup>77</sup>.

---

Edições, 2012.; MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Ideias de Jeca Tatu*. 2.ed. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1920.; SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.

<sup>77</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 204-206.



Tal semanário divulgou diferentes tipos de matérias, como editoriais textos relacionados à literatura e à cultura, artigos, crônicas, notas e ensaios críticos de belas-artes, de literatura, de teatro, de gravuras publicadas, bem como textos de ficção, entre eles contos, crônicas, diálogos e romances folhetins, e ainda poemas, narrativas e impressões de viagens, correspondências, textos relacionados à educação/instrução, à mulher, à personalidades contemporâneas ou históricas, ao progresso, à filosofia e a temáticas diversas<sup>78</sup>.

O humor e a crítica constituíram o veio condutor da folha na versão caricatural e jocosa que apresentava a respeito das realidades observadas. Durante a sua existência, a publicação caricata carioca conviveu com todo o período da Guerra do Paraguai, levando informes e opiniões ao conjunto de seus leitores por meio de registros textuais e iconográficos variados, que buscavam satisfazer a ânsia por notícias que marcava então a sociedade brasileira. Levando em conta tal pauta editorial das mais recorrentes ao tratar da Guerra da Tríplice Aliança, o fim do confronto bélico, com a eliminação de Francisco Solano Lopez e a vitória brasileira foi uma temática bastante presente nas páginas da *Semanas Ilustrada*.

Em março de 1870, o periódico caricato publicou um editorial carregado de vibrante júbilo e fundo patriótico, sob o título “Ficai certos de que a guerra se acha felizmente concluída”:

---

<sup>78</sup> SANT'ANNA, Benedicta de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 109.

Brasileiros! Hosana! Hosana ao Deus dos exércitos! Um amplexo patriótico aos bravos inexcedíveis, que vingaram a honra do nosso país, vilmente ofendida pelo mais negregado dos tiranos!

Um brado uníssono de gratidão ao nosso Imperador, cuja tenacidade, perseverança e robusta fé na santidade da causa, que defendia, realizou o símbolo do varão forte, que, impávido, veria despedaçar-se o mundo sem demover-se do seu firme propósito!...

Exultai do mais vivo prazer! Levantai os arcos triunfais, por onde terão de passar essas valentes legiões que honrariam as mais poderosas nações do globo!

Entretecei a coroa de imarcescível louro, que deve ser colocada na fronte do ínclito general em chefe, do jovem Príncipe, do digno consorte da nossa excelsa Princesa!

Uma palma virente de triunfo ao estrênuo brigadeiro Câmara, ao bravo dos bravos, que da munificência do Monarca brasileiro recebeu *incontinenti*, ao chegar à nova da conclusão dessa guerra de extermínio, o honroso título de Visconde de Pelotas!

Brasileiros! nós, que fomos os primeiros a bradar: *Delenda Paraguai*; entre a mais doce comoção de entusiasmo, temos agora a satisfação de vos anunciar: *Deleta Paraguai*!

Mas não são nossas palavras por certo as que vos hão calar no íntimo do peito; uma voz incomparavelmente mais autorizada é que vos deve levantar da dolorosa prostração, que vos oprimia; é a voz do Imperador, que vos assegura:

“FICAI CERTOS DE QUE A GUERRA SE  
ACHA FELIZMENTE CONCLUÍDA”.<sup>79</sup>

Diretamente vinculado ao comando das tropas que promoveram a última batalha do confronto contra o Paraguai, a qual levaria ao desaparecimento de Francisco Solano Lopez, o Visconde de Pelotas, marechal de campo José Antônio Corrêa da Câmara, recebeu homenagem especial da revista ilustrada carioca, tendo estampado o seu retrato, na capa, adornado com o pavilhão nacional e com a coroa de louros, simbolizando a vitória, além da presença de uma inscrição latina, que dedicava todos os aplausos ao personagem homenageado<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 20 mar. 1870.

<sup>80</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 27 mar. 1870.

*Rio.*

Pregos das assinaturas para a corte.

Trimestre . . . . .	58000
Semestre . . . . .	98000
Anno . . . . .	188000

Avulso 500 rs.

DECIMO ANO

N. 485.

PUBLICA-SE

TODOS OS DOMINGOS.

Pregos das assinaturas para as províncias.

Trimestre . . . . .	68000
Semestre . . . . .	118000
Anno . . . . .	188000

Avulso 500 rs.

OMNE TULIT PUNCTUM

O MARECHAL DE CAMPO  
JOSE ANTONIO CORREIA DA CAMARA  
Visconde de Pelotas

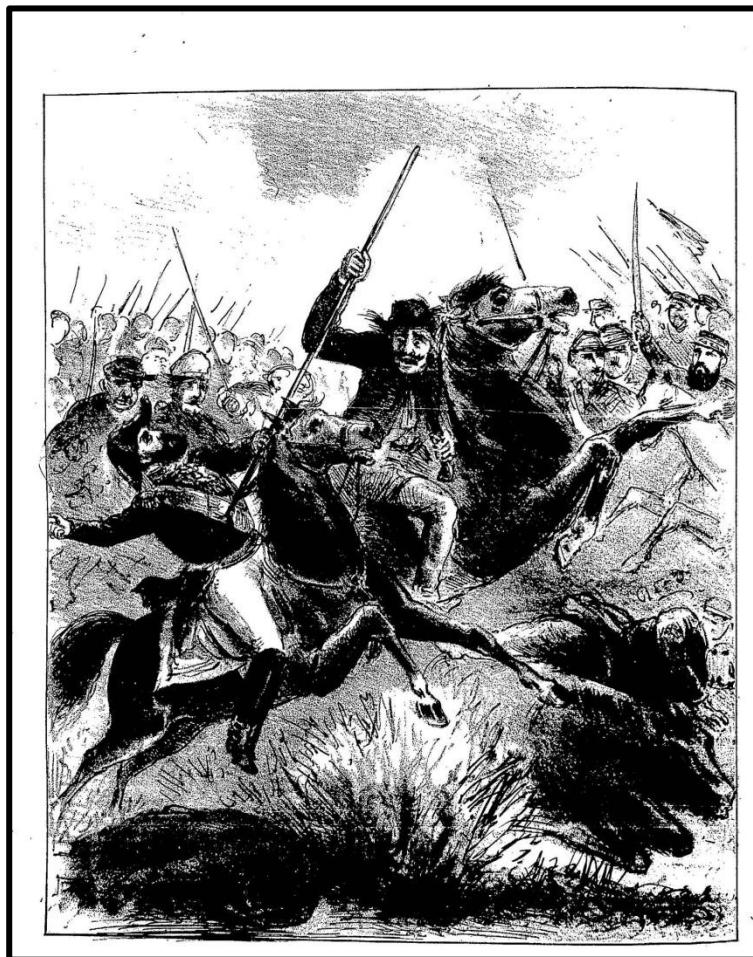
Sob cujo commando ferio-se a ultima batalha, em que foi morto o tyranno FRANCISCO SOLANO LOPEZ.

As festividades pela vitória ocorridas no Rio de Janeiro também foram destacadas pela *Semana Ilustrada*, a qual descrevia que “a cidade anda em festas e prepara festas”, de modo que, em tal momento, “tudo que não seja um foguete merece pouca atenção dos leitores”. A própria redação revelava que tivera “parte no regozijo público”, mas em “proporções modestas, como um pobre badaleiro”. Segundo o redator, somente “quando o regozijo público serenou um pouco” foi que se tornou possível tratar de outros assuntos. Na mesma edição aparecia uma cena de batalha, na qual o líder paraguaio era varado por um lança. Sob o título “Chico Diabo”, em referência ao autor do golpe fatal, a folha explicava que tal personagem na gravura era representado “atravessando com uma lança o monstro mais bárbaro e hediondo que tem visto o mundo - o execrando Francisco Solano Lopez, destruidor de sua própria pátria!...”<sup>81</sup>. A intenção de demonstrar o ato da eliminação do chefe guarani era tão veemente, que o periódico não pensou duas vezes em apresentá-lo abertamente, apesar da enorme carga de violência compreendida na cena.

---

<sup>81</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 27 mar. 1870.

O FIM DA GUERRA DO PARAGUAI: REPERCUSSÕES NA IMPRENSA DO RIO GRANDE E DO RIO DE JANEIRO (DOIS ESTUDOS DE CASO)



As representações iconográficas da redação da revista, o Dr. Semana e o Moleque, apareciam em postura de respeito, de chapéu à mão, em verdadeira reverência ao altar da pátria. O título do desenho era “Felicitação do Dr. Semana ao Brasil pela terminação da guerra”, e a legenda: Salve! três vezes salve, poderoso Brasil! tu, que, cheio de fé no valor e heroicidade de teus filhos, esperaste firme e inabalável a vitória, aceita os meus cordiais emboras pelo teu completo triunfo!...”. No mesmo número, o jornal fazia críticas à família que governara o país guarani até então, explicando que, “agora que caiu o terceiro déspota do Paraguai, vem a propósito contar uma anedota do segundo”. De acordo com a folha, “a vaidade de Francisco Solano Lopez foi herdada de seu pai, que, aliás, lhe não transmitiu algumas qualidades que tinha”, pois este “gostava que lhe louvassem o tino administrativo e a excelência de seu governo”, tendo, além disso, “muito em contas as atenções à sua pessoa, e quem infringisse esta regra ficava em maus lençóis”. Em seguida a publicação tratava de um lance no qual Carlos Antônio Lopez fora ludibriado<sup>82</sup>.

---

<sup>82</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 3 abr. 1870.

O FIM DA GUERRA DO PARAGUAI: REPERCUSSÕES NA IMPRENSA DO RIO GRANDE E DO RIO DE JANEIRO (DOIS ESTUDOS DE CASO)



Na seção “Gabinete da redação da *Semana Ilustrada*”, o redator comentava que “a feliz terminação da guerra que contra o mais selvagem dos tiranos viu-se o Brasil forçado a sustentar por mais de um lustro” teria servido para encher-lhe “de tanta satisfação”, que dera “largas férias a todos os empregados do Gabinete”. Nesse quadro, “enquanto gozavam eles desse justo descanso”, o responsável pela redação passara “a pensar, a filosofar sobre as coisas deste mundo; e como o tema geral é a conclusão da guerra, e tudo quanto lhe diz respeito”, ocupara-se também o seu “espírito do mesmo assunto”. Levando em conta tais reflexões, a análise em pauta lembrava “como é certo o anexim popular: ‘Deus escreve direito por linhas tortas!’, seguindo-se a constatação de “quantos benefícios trouxe ao Brasil este flagelo que durante cinco anos açoutou” o país, bem como, “quantas vantagens, quantos proveitos” teriam advindo<sup>83</sup>.

Dando continuidade a tal linha de pensamento, o corpo redatorial afirmava que “bem se diz que as guerras são como as tempestades; fazem estragos, mas regeneram, retemperam a natureza”. Segundo tal perspectiva, a partir da guerra, “o Brasil conheceu o poder de seu braço; a energia de sua vontade, os imensos recursos de que dispõe”, bem como “o patriotismo de seus filhos e o valor inexcedível de seus soldados”. Essas considerações que intentavam observar algum aspecto positivo na participação do conflito bélico que recém-terminara, concluíam que “agora sem dúvida vem a infalível lei da compensação”, indenizar o Império brasileiro “das perdas sofridas”, de maneira que, “ao

---

<sup>83</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 3 abr. 1870.

desânimo, à prostraçāo, ao marasmo vai suceder a animação, o vigor, a vida". Nessa linha, o periódico anunciava que "uma nova era vai de certo começar", na qual "o país entra cheio de alento nos trilhos do progresso e, dentro em pouco, os vestígios da grande luta desaparecerão"<sup>84</sup>.

Em uma ilustração, "A lança do Chico Diabo" voltava a compor a pauta da *Semana Ilustrada*, só que, desta vez, ao invés do governante paraguaio, a arma transpassava o corpo de quatro indivíduos que, além da vida, estavam a perder as riquezas acumuladas. O quadro era complementado pela presença do próprio demônio, que aparecia com expressão de satisfeito, por receber aqueles "pecadores" em seus reinos, e uma série de aves de rapina. Todo o cenário era aéreo, de modo que os personagens sobrevoam o Rio da Prata, em alusão aos interesses em jogo e às manobras geopolíticas que levaram à deflagração do conflito. Tratava-se de uma crítica da revista humorística aos indivíduos que haviam lucrado com a guerra, realizando o muito bem remunerado papel de fornecedores, responsáveis pelo abastecimento material das tropas e que estariam a perder seus ganhos com o fim do confronto. A legenda encerrava tal ideia: "A lança do Chico Diabo varando o abominável Lopez atravessa também em ato contínuo bojudos ventres fornecedores"<sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 3 abr. 1870.

<sup>85</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 3 abr. 1870.



A capa da *Semana Ilustrada* voltaria a transformar-se em palco para as homenagens aos combatentes que regressavam do teatro da guerra, como foi o caso do Dr. Semana e do Moleque preparando as palmas – que, além do sentido convencional da ocasião, também apareciam com a conotação de aplaudir – para a solenidade religiosa que então seria celebrada e que serviria também para a saudação aos voluntários da pátria que voltavam ao país. Na legenda, em forma de diálogo, o Moleque dizia: “Nhonhô, a Semana Santa não podia cair em melhor ocasião: agora que estão regressando os bravos defensores da honra nacional, é que se deve fazer a distribuição das *palmas*.; enquanto o Dr. Semana complementava: “A todos caberá uma *palma*, por que todos porfiaram em bem-merecer da pátria”<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 10 abr. 1870.



<sup>87</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 10 abr. 1870.



Um quadro soturno foi apresentado pela folha ilustrada sob o título “A volta de um voluntário”. A gravura era encimada por uma cena de guerra, enquanto, ao centro, o combatente que retornara, ao lado de sua mãe, pranteava no túmulo de sua noiva. Ao pé do desenho, completando o ambiente lúgubre, jazia o corpo inerte da moça. A legenda era na forma de versos:

Ele partiu para a guerra,  
deixando a noiva: “Ai, adeus!  
Levam-me vozes da pátria;  
guarda-te a benção dos céus.”

E ele partiu para a guerra,  
deixando a mãe: “Vai, amor!  
Corre em defesa da pátria,  
emudeça a minha dor.”

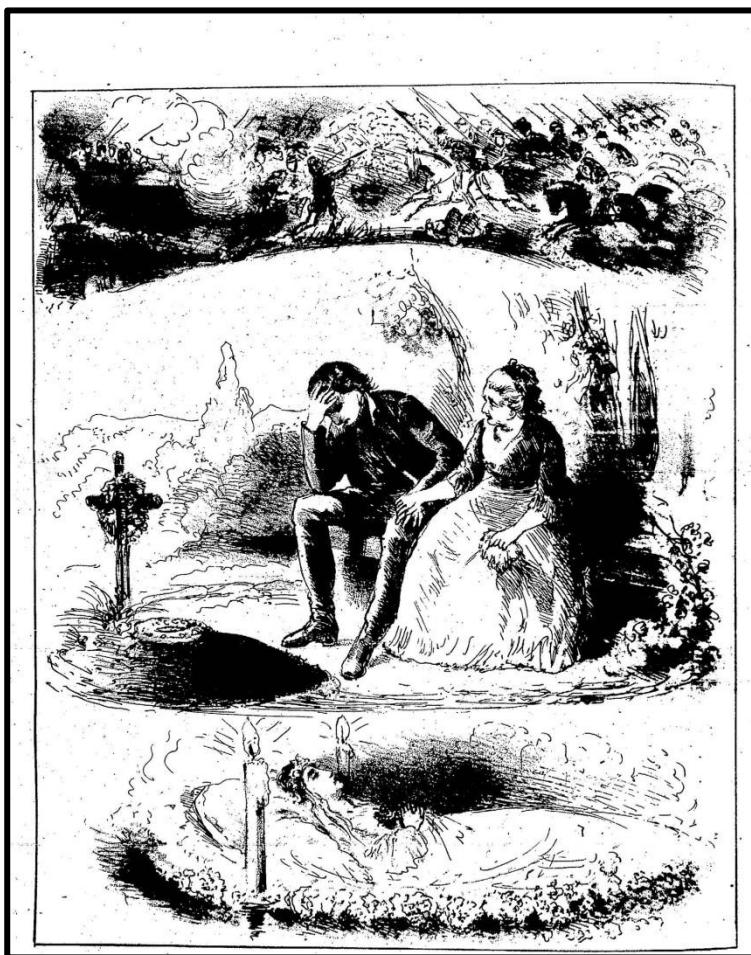
E foi nos campos da morte  
vingar a pátria... Vingou!  
e nas páginas da história  
seu nome eterno gravou.

Mas, quando voltou da guerra,  
corre aos braços maternais:  
“Minha mãe! Mudo a interroga.  
Vais vê-la, meu filho, vais.”

Havia lágrimas tristes  
na promessa. A mãe conduz  
trêmulo o herói: “Ei-la, filho!  
Dorme à sombra dessa cruz.”<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 10 abr. 1870.



O clima de festividades pelo fim da guerra e o retorno dos combatentes era mais uma vez associado às solenidades religiosas, e o periódico mostrava um quadro geral de amplas comemorações, acompanhado da legenda: “Festas que no domingo de Páscoa dá o Dr. Semana e o seu Moleque aos seus queridos leitores e assinantes”. Retomando o tom crítico, a *Semana Ilustrada* apresentou um misto de caricatura e alegoria, em desenho denominado “Sombra e luz”, no qual era desenhada uma versão dicotômica de bem e mal. De um lado estava a figura do agiota, que aparecia enforcado, perdido com o fim da guerra e sendo denominado de Judas, em referência às traições que teria cometido, aproveitando-se da instabilidade gerada pelo conflito para auferir lucros. Do outro, estava a dama-liberdade, figura feminina com o estandarte imperial em uma das mãos, em alusão à nacionalidade e ao patriotismo, e a espada, na outra, como símbolo da força e da justiça, derrotando uma serpente, símbolo do mal, e identificada com a “tirania”, demarcando a visão que o Império estabelecera acerca do governo paraguaio, então derrotado<sup>89</sup>.

---

<sup>89</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 17 abr. 1870.



O FIM DA GUERRA DO PARAGUAI: REPERCUSSÕES NA IMPRENSA DO RIO GRANDE E DO RIO DE JANEIRO (DOIS ESTUDOS DE CASO)





Na capa da revista, mais uma vez figuravam os protagonistas daquele teatro caricatural, com o Dr. Semana estranhando que o Moleque estivesse “cabisbaixo e triste”, exatamente naquele momento em que “todos estão alegres”, tendo em vista as comemorações pelo fim do conflito internacional. Tratava-se, entretanto, de mais uma pilhória, na qual o Moleque estaria a cometer um trocadilho em relação à desvalorização da moeda nacional. A folha ainda realizou um gracejo em relação a Francisco Solano Lopez, contando uma historieta segundo a qual o último ato do governante teria sido nomear S. Francisco Solano padroeiro de todos os exércitos. No segmento ilustrado, a publicação caricata mostrava o indígena, símbolo do povo brasileiro e do próprio país, sendo cumprimentado por representantes de diversas nações, como Espanha, Portugal, Inglaterra, Rússia e Alemanha, além do próprio Papa, que saudavam o índio “pelo esplêndido triunfo de suas armas” e “pela terminação da Guerra do Paraguai”. Houve ainda uma homenagem ao Conde D’Eu, comandante das forças brasileiras na fase final da guerra, cujo retrato era adornado com imagens angelicais e com os louros da vitória<sup>90</sup>.

---

<sup>90</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 24 abr. 1870.

**SEMANA ILLUSTRA**

**LATERNA MAGICA**

**RIO**

**DECIMO ANNO**

**N. 489.**

**PUBLICA-SE**

**TODOS OS DOMINGOS.**

**Preço das assinaturas para a corte.**

Trimestre . . . . .	58000
Semestre . . . . .	98000
Ano . . . . .	168000

**Preço das assinaturas para as províncias.**

Trimestre . . . . .	68000
Semestre . . . . .	118000
Ano . . . . .	188000

**Avulso 500 rs.**

**Avulso 500 rs.**





A' Volta de S. A. R. o Sr. CONDE D'EU.

Assim, a *Semana Ilustrada* participou ativamente do espírito de celebração que tomou conta da capital do Império, a partir do qual se transformou o Rio de Janeiro em um grande palco de festas, de maneira que, do teatro de operações, passara-se ao cenário das comemorações. Com manifestações de forte teor patriótico, a revista saudava efusivamente não só a vitória brasileira, como também o extermínio daquele que era denominado o “tirano” ou o “ditador” paraguaio, em alusão a Solano Lopez. Nesse quadro, o Dr. Semana e o Moleque, figurativamente, se associavam ao clima festivo, participando ativamente das solenidades e cerimônias. O jornal intentava também dar um ar de certo apoio divino à causa brasileira, associando as festividades pelo término da guerra, com as atividades de cunho religioso, vinculadas à Semana Santa, que, à época, tinham bastante relevância em meio às vivências sociais. Além do entusiasmo, a publicação caricata não deixou de realizar a crítica social, mormente nas oportunidades em que demonstrou as atitudes consideradas imorais dos fornecedores de guerra e dos usurários, cuja ação era considerada como um mal para a sociedade, tendo em vista os ganhos que eram considerados ilícitos. Finalmente, a *Semana Ilustrada* também prestou homenagens aos militares que atuaram naquela etapa final do conflito da Tríplice Aliança com o Paraguai, alocando-os no panteão dos denominados “grandes nomes” da nação.

## ***A Vida Fluminense e o retorno dos voluntários da pátria***

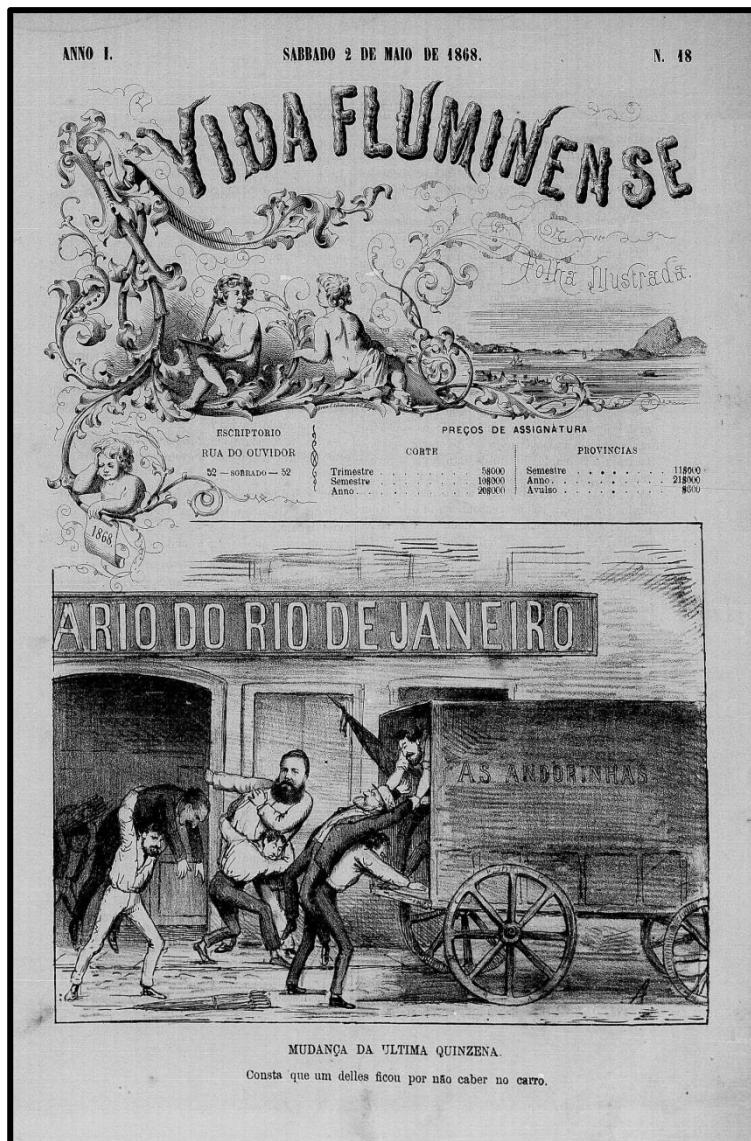
Dentre as revistas caricatas publicadas no Rio de Janeiro esteve *A Vida Fluminense*, que substituiu *O Arlequim* e circulou entre 1868 e 1876, quando se transformou no *Fígaro*. Esse periódico contou com a colaboração de Ângelo Agostini, o maior destaque da caricatura brasileira, bem como em sua edição trabalharam Cândido Aragonês de Faria, V. Mola e Luigi Borgomainério, artista eminente em sua área. Na época a crítica política encontrava campo extraordinariamente fecundo nas revistas ilustradas, o que não seria diferente em *A Vida Fluminense*<sup>91</sup>, que se apresentava como uma folha joco-séria, que traria em suas páginas retratos, biografias, caricaturas, figurinos de modas, músicas, romances nacionais e estrangeiros, artigos humorísticos, crônicas e revistas<sup>92</sup>.

---

<sup>91</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 206 e 215.

<sup>92</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 4 jan. 1868.

O FIM DA GUERRA DO PARAGUAI: REPERCUSSÕES NA IMPRENSA DO RIO GRANDE E DO RIO DE JANEIRO (DOIS ESTUDOS DE CASO)



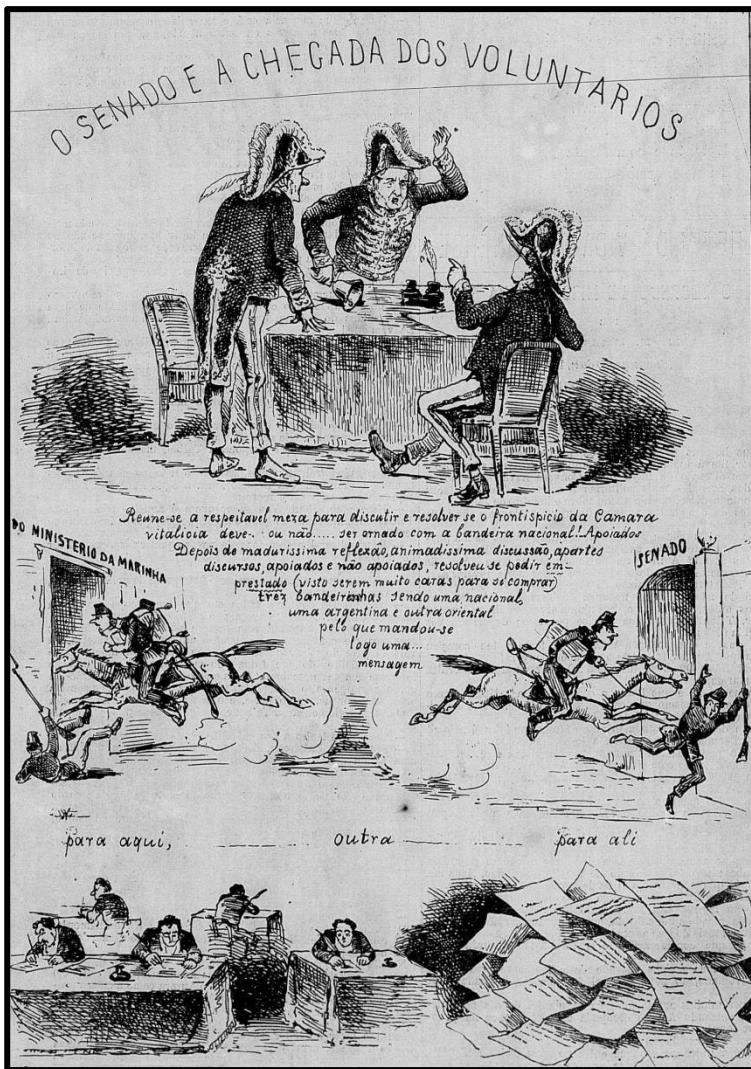
Levando em conta a época dos primeiros anos de sua circulação, *A Vida Fluminense* teve na Guerra do Paraguai um de seus temas mais recorrentes, descrevendo detalhes do conflito por meio de notícias, comentários, caricaturas, cenas de batalhas, retratos, mapas e plantas. Já ao final do confronto bélico, a folha participaria simbolicamente dos últimos esforços para a derrubada de Francisco Solano Lopez. Nesse contexto, a revista caricata refletiu os derradeiros momentos do enfrentamento e difundiu o júbilo pela vitória brasileira. De acordo com seu norte editorial crítico, nos primeiros meses de 1870, a publicação manifestou suas considerações a respeito do retorno dos voluntários da pátria, com opiniões acidamente censórias em relação às autoridades governamentais.

Em meio às festas carnavalescas daquele ano que coincidiram com o processo de encerramento da Guerra da Tríplice Aliança, *A Vida Fluminense* publicou um conjunto caricatural denominado “O Senado e a chegada dos voluntários”. A primeira gravura mostrava os políticos discutindo em torno de uma mesa, sendo o debate traduzido pela folha com carregado sarcasmo: “Reúne-se a respeitável mesa para discutir e resolver se o frontispício da câmara vitalícia deve... ou não... ser ornado com a bandeira nacional!... Apoiados. Depois da maduríssima reflexão, animadíssima discussão, apartes, discursos, apoiados e não apoiados, resolveu-se pedir *emprestado* (visto serem muito caras para se comprar) três bandeiras, sendo uma nacional, uma argentina e outra oriental”. Em seguida soldados distribuíam a mensagem e escriturários e amanuenses passavam a gastar papel

para oficializar o ato<sup>93</sup>. Levando em conta tal concepção o periódico lançava um olhar de profunda crítica à imobilidade político-administrativa brasileira e à inação dos homens públicos, que encontravam dificuldades até mesmo para organizar a recepção dos soldados vitoriosos.

---

<sup>93</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 5 mar. 1870.



Já outra caricatura publicada na capa do jornal, mantinha o conteúdo crítico em relação aos governantes quanto ao tratamento dado àqueles que retornavam da guerra. No desenho, vários soldados, esgotados, desciam do trem com certo desânimo, surgindo como legenda uma reclamação carregada de ironia: “O previdente Ministro da Guerra compreendeu generosamente os sacrifícios que fizemos, e, em recompensa, manda-nos botar nos limites da Província de Minas, o que nos obriga para chegar até casa, a galgar 30, 40 e mais léguas a pé! Naturalmente esta marcha forçada é pra fazer-nos descansar das fadigas da guerra! (Felizmente para esses bravos, o Presidente da União e Indústria reparou a *previdência* ministerial, pondo à disposição dos voluntários todos os carros da companhia)”<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 12 mar. 1870.

ANNO 3

SABBADO 12 DE MARCO DE 1870.

N. J. L.

# VIDA FLUMINENSE

The title page of 'Folha Illustrada' is framed by an ornate, symmetrical border. The border is composed of intricate scrollwork and foliage. In the upper left and right corners, there are two putti (cherubs) - one standing and holding a staff, the other seated. The background within the border shows a landscape with trees, a body of water, and a distant shoreline. The title 'Folha Illustrada' is written in a decorative, flowing script font in the upper right corner of the central area.

**ESCRIBITORIO**

## ESCRITÓRIO BIA DO OUVIDOR

RADIO REVIEW

CORTE

55000  
100000

## PROVINCIAS

dre . . .

115000  
815000

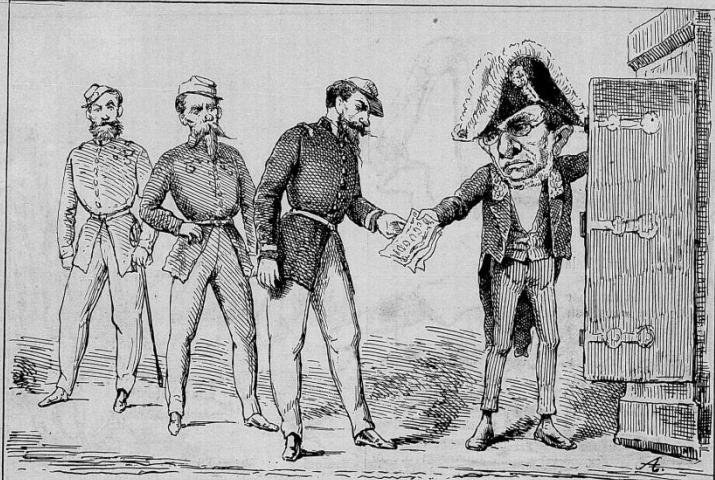


*A Vida Fluminense* qualificava a ação governamental em relação aos voluntários como de verdadeira má vontade, como ao apresentar um político que, de feições fechadas e pouco gosto, distribuía a remuneração para os combatentes, proferindo a seguinte frase: “Tomem lá o seu dinheiro e vão-se embora. (Aparte) Com esta gente não quero brincadeiras”. Mais uma vez empreendendo uma visão irônica, a folha caricata mostrava os Ministros da Guerra e da Fazenda, junto de alguns funcionários públicos, todos supostamente extenuados, tendo em vista o trabalho que teriam desempenhado no repasse das remunerações dos voluntários. A legenda esclarecia: “Quase mortos de cansaço! Mas também é preciso considerar que em poucos dias receberam-se, festejaram-se, despacharam-se e pagaram-se 1.500 homens!!! Parece impossível!!!!”<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 12 mar. 1870.

A VIDA FLUMINENSE



— Tomem lá o seu dinheiro, e vão-se embora.  
(A parte.) com esta gente não quero brincadeiras



Em outra edição, *A Vida Fluminense* optou por prestar homenagens, deixando temporariamente de lado as caricaturas de teor mais crítico. Nesse sentido, estampou na capa o retrato de José Antônio Corrêa da Câmara, marechal de campo e Visconde de Pelotas, ou seja, o militar gaúcho que comandara as forças que promoveram a perseguição final a Solano Lopez, da qual resultaria em sua morte. Na parte ilustrada do centro da revista, os militares brasileiros desfilavam pelas ruas do Rio de Janeiro, sendo ovacionados pelo público que os recepcionava. Ao pé da ilustração aparecia a inscrição: “Entrada triunfal dos voluntários da pátria na tarde de 23 de fevereiro de 1870”<sup>96</sup>.

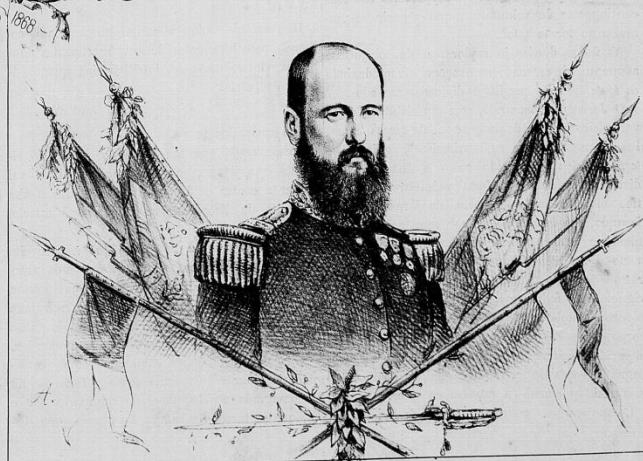
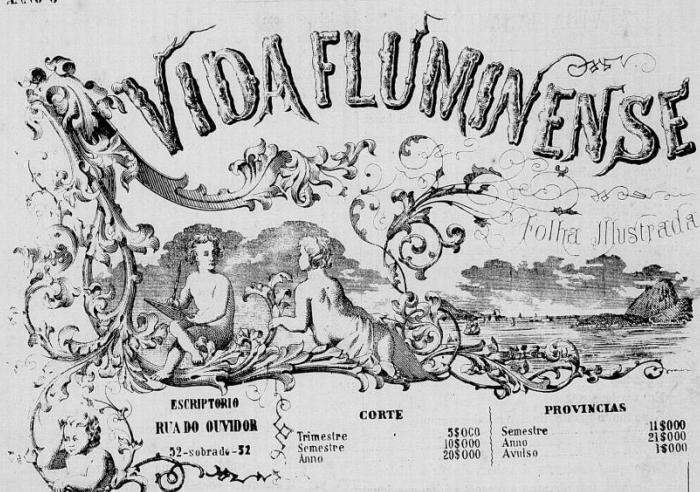
---

<sup>96</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 26 mar. 1870.

ANNO 3

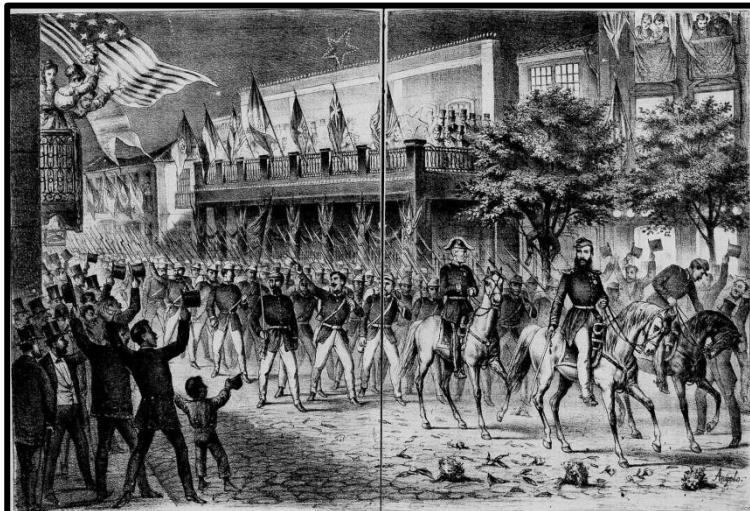
SSABBADO 26 DE MARÇO DE 1870.

N. 117



JOSE ANTONIO CORREIA DA CAMARA

Marechal de Campo e Visconde de Petrópolis



Ao estabelecer o júbilo como tônica das gravuras, o periódico caricato não manteve a mesma conduta no segmento textual, no qual retomava a abordagem crítico-jocosa, propondo-se a “apresentar algumas considerações sobre os versos e a prosa com que foram metralhados os bravos defensores da honra nacional” em sua recepção na capital imperial. A folha até reconhecia alguma manifestação de patriotismo nos discursos de alguns dos oradores, mas não aceitava o uso da palavra no sentido de aproveitar a “oportunidade para politicar” e, ao invés da saudação aos “serviços prestados ao Brasil na titânica cruzada”, ter prevalecido o tema partidário, que só estaria a servir à “briga de galos ministerial”. Por outro lado, o periódico não

poupou das pilhérias e das críticas as declamações poéticas expressas na ocasião<sup>97</sup>.

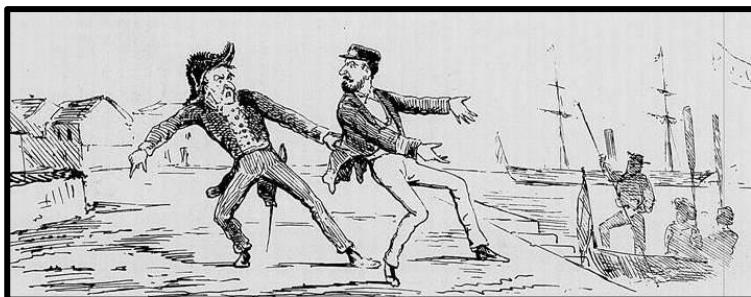
Na edição seguinte, a folha caricata não perderia oportunidade para fazer troça com alguns aspectos que considerou falhos nas cerimônias festivas voltadas a recepcionar os voluntários, promovendo a edição de um conjunto de caricaturas. Nesse sentido, fez referência a um “muito patriótico” Presidente de Província que se opôs à saída de uma embarcação que trazia a notícia da morte de Lopez. Também ocorreu uma alusão às senhoras que faziam subscrições em prol dos festejos nacionais, para as quais ninguém teria coragem de negar a contribuição. Quanto às composições poéticas destinadas aos voluntários, a publicação gracejou duas delas, uma que comparava aqueles “vultos imortais” aos Andes, desenhando um combatente de tamanho desmesurado, e outra que dizia que os voluntários estariam “tão cheios de glórias, que o livro da nossa história não pode mais vos conter”, mostrando um soldado espremido entre as páginas de um livro de História do Brasil. As senhoras fluminenses portando bandeiras nacionais na recepção aos voluntários foram elogiadas, não ocorrendo o mesmo em relação aos foguetes preparados para a ocasião pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, considerados muito exíguos. As críticas também se estenderam ao comportamento de um grupo de pessoas que chegou a derrubar um dos militares homenageados, e ao Ministro da Guerra, por receber um dos voluntários a pontapés<sup>98</sup>.

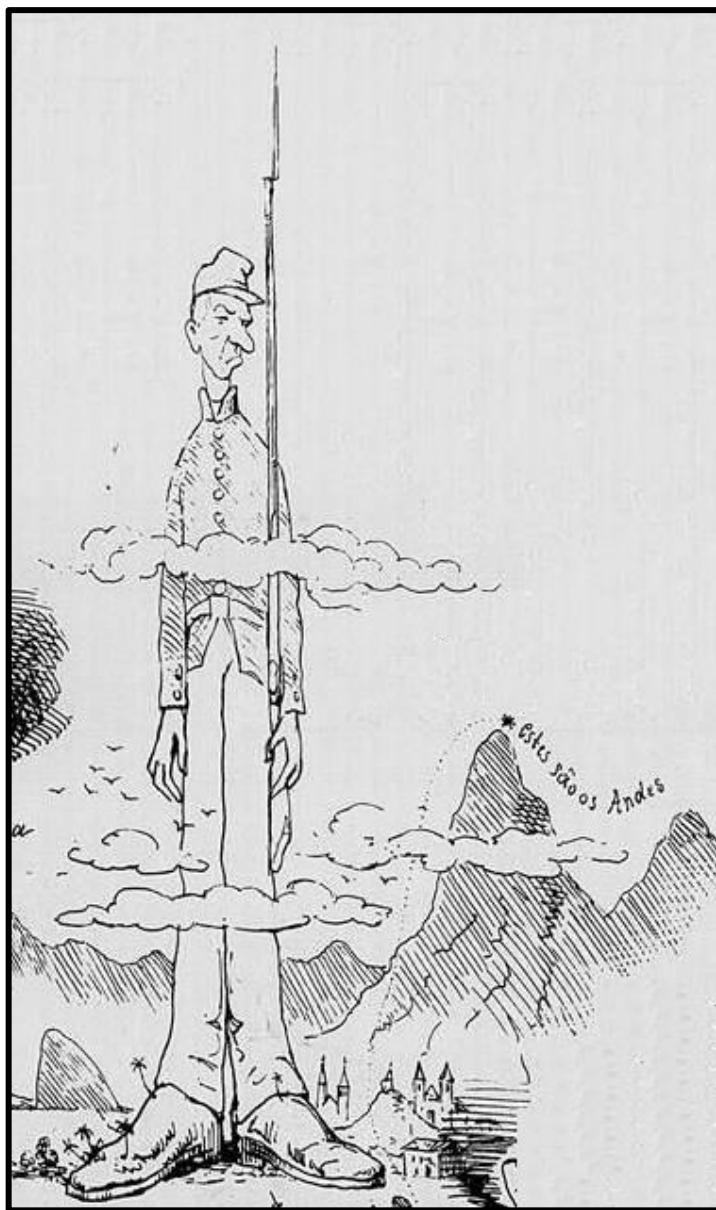
---

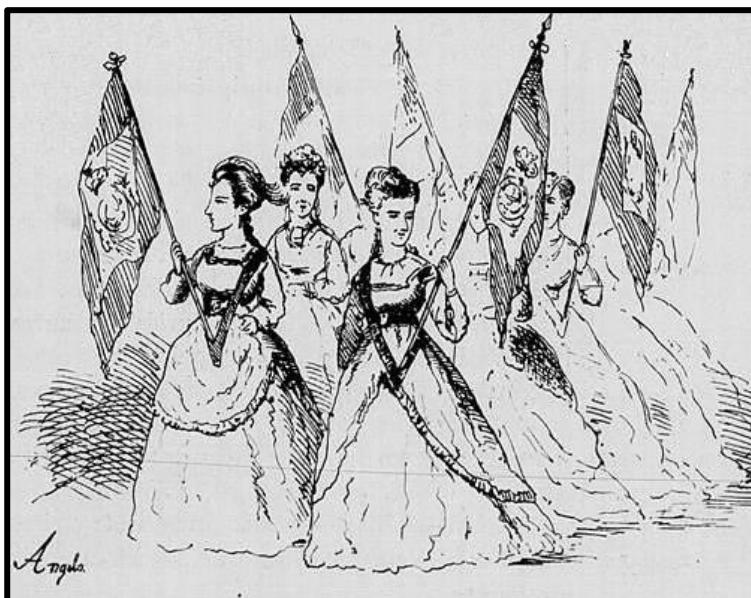
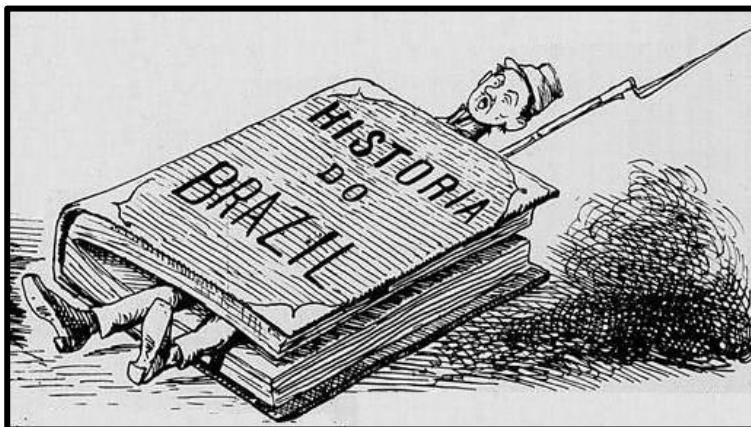
<sup>97</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 26 mar. 1870.

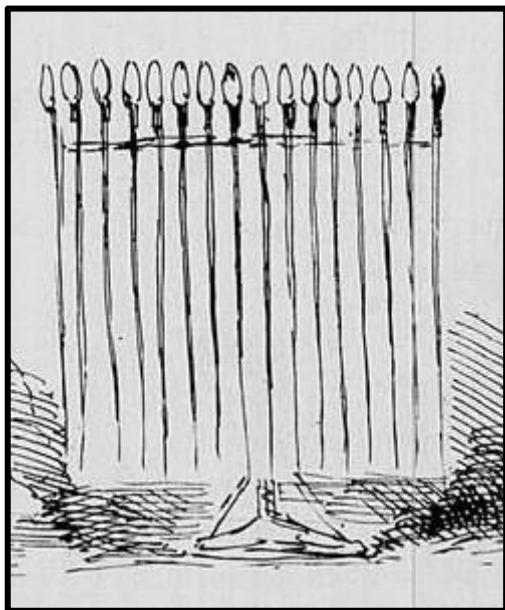
<sup>98</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 2 abr. 1870.

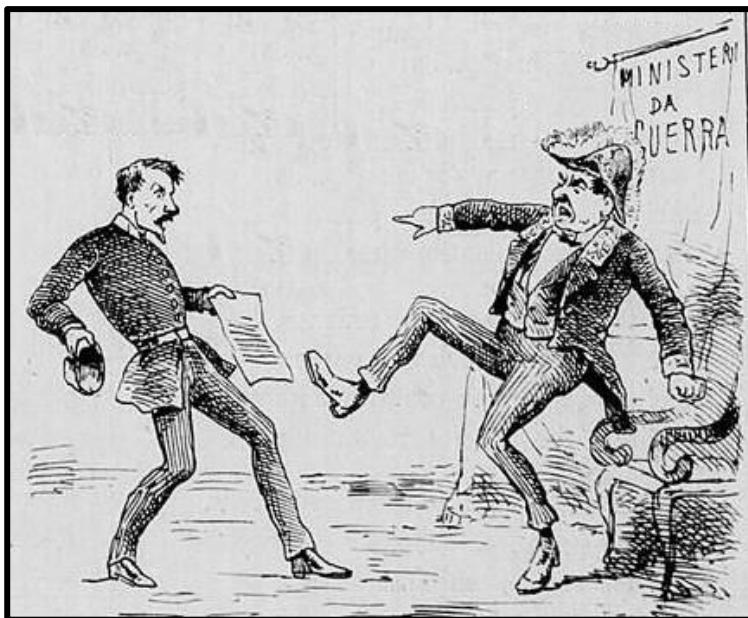
O FIM DA GUERRA DO PARAGUAI: REPERCUSSÕES NA IMPRENSA DO RIO GRANDE E DO RIO DE JANEIRO (DOIS ESTUDOS DE CASO)









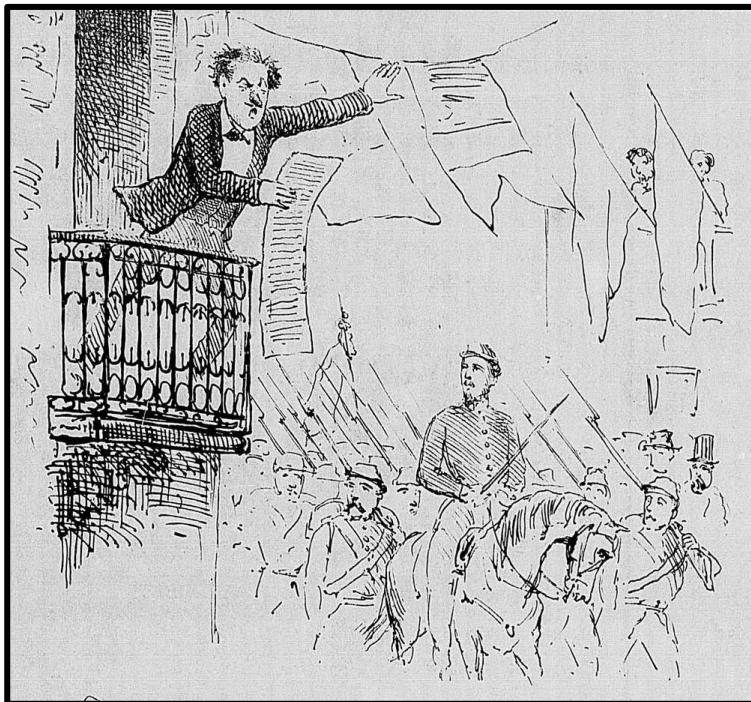


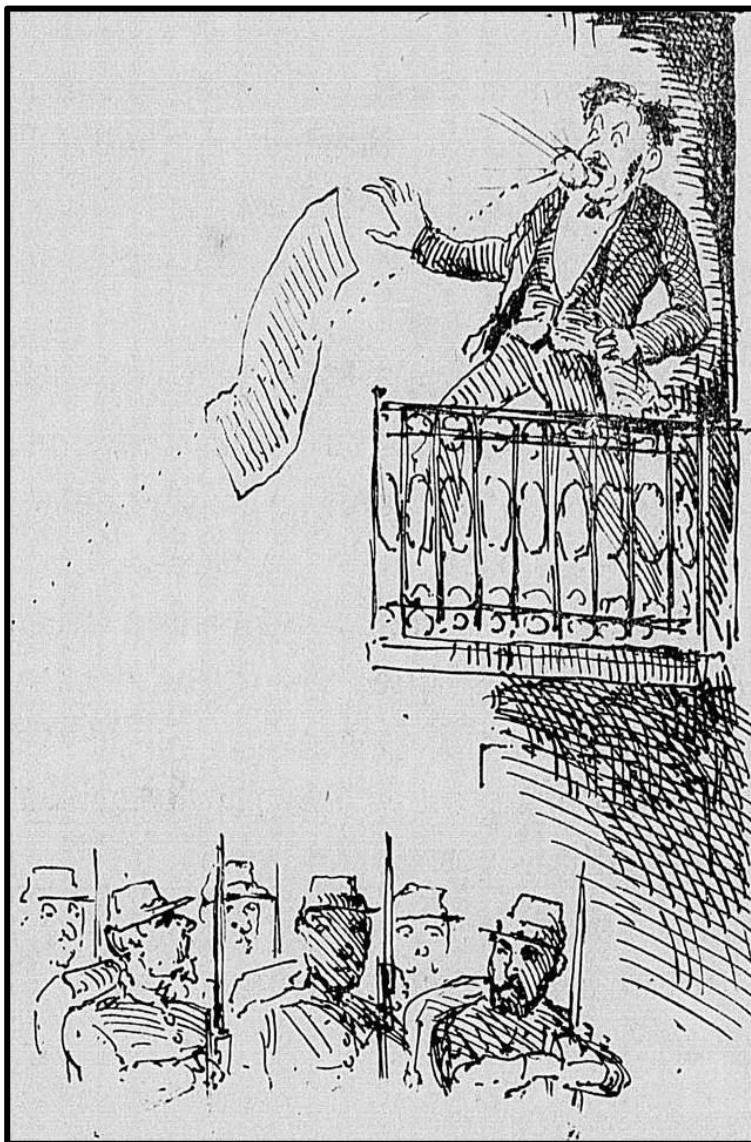
O olhar crítico de *A Vida Fluminense* a respeito dos exageros na recepção aos voluntários prosseguiu ainda no número seguinte. Em um dos desenhos um homem discursava na sacada de um prédio, com uma longa folha à mão, representando o tamanho de seu discurso, o qual faria alusão a “heróis sublimes, deuses da vitória, filhos da glória” e ao “tirano, o tigre, a onça que jaz na terra banhada com o sangue...”. Diante disso o jornal reclamava da oratória que durava “hora e meia pelo menos”. Em compensação, o periódico imaginava que outro orador perdia a página de seu discurso, enquanto um ovo era atirado em direção à sua boca, no sentido de calá-lo. Além disso, a folha tecia o seguinte comentário: “Não seria um ato de filantropia atirar com

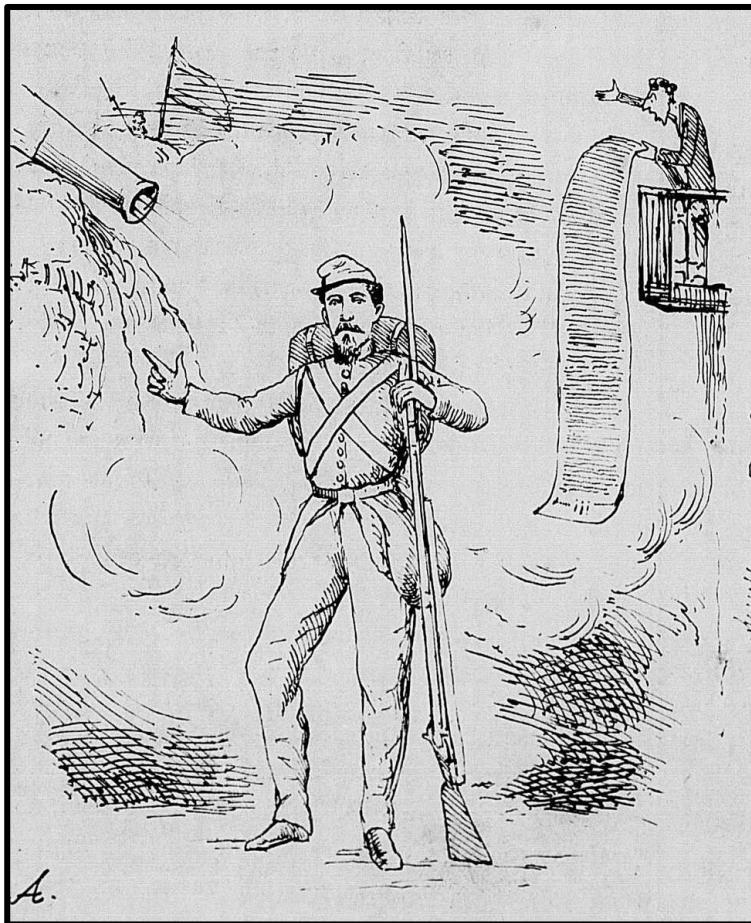
um ovo podre num pedante desses?! É preciso realmente ter muita audácia e muita presunção para mandar parar um batalhão de 500 e tantas praças e mais 3 ou 4 mil pessoas que o acompanharam, para dizer uma enxurrada de asneiras, com o único fim de brilhar!”. No mesmo conjunto, um voluntário tinha de um dos lados um canhão e do outro um orador com um discurso enorme, diante do que refletia: “Eu lhes afianço que antes queria ver-me diante de uma peça a lançar metralhas do que aguentar um discurso de duas horas”. A publicação ilustrada ainda fazia ressalvas diante da presença do que denunciou como “voluntários das ruas”, referindo-se a uma “súcia de capoeiras, malandros, escravos e vagabundos, a escória da sociedade”, que estaria a atrapalhar o desfile, vindo inclusive a exigir providências policiais para coibir tal ação. Diante da demorada recepção, *A Vida Fluminense* mostrava a “chegada dos voluntários ao quartel”, completamente extenuados, com dois deles travando o seguinte diálogo: “- Estou quase morto com as tais ovações! Se o povo soubesse o que é marchar com mochilas às costas... - E ficar doze horas sem beber uma gota de água?! O que vale é já estarmos acostumados!”<sup>99</sup>.

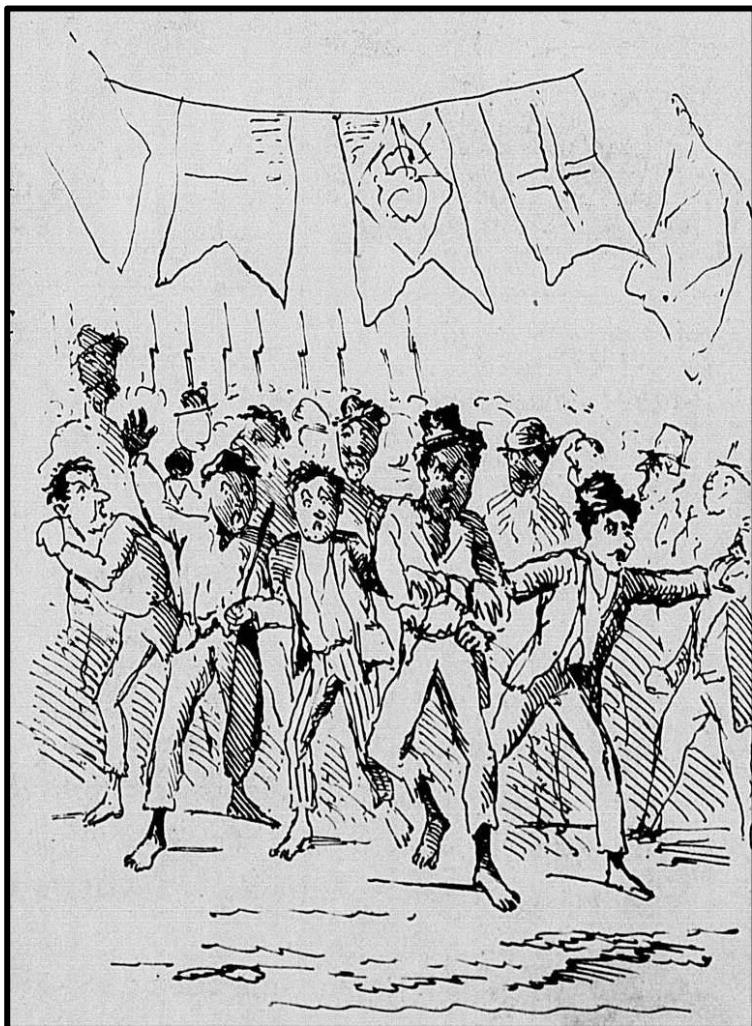
---

<sup>99</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 9 abr. 1870.

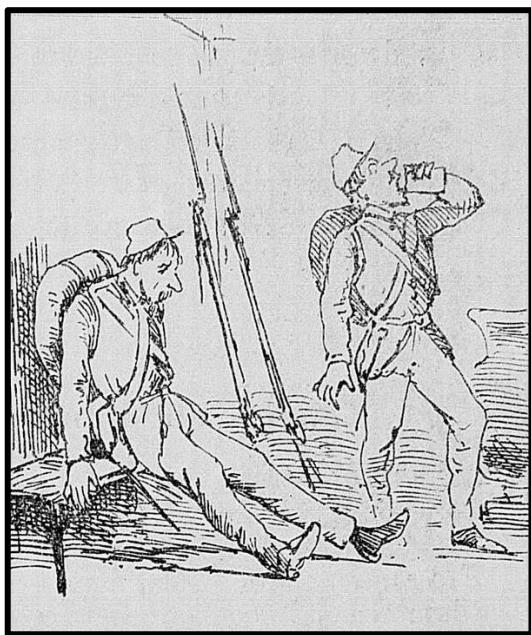
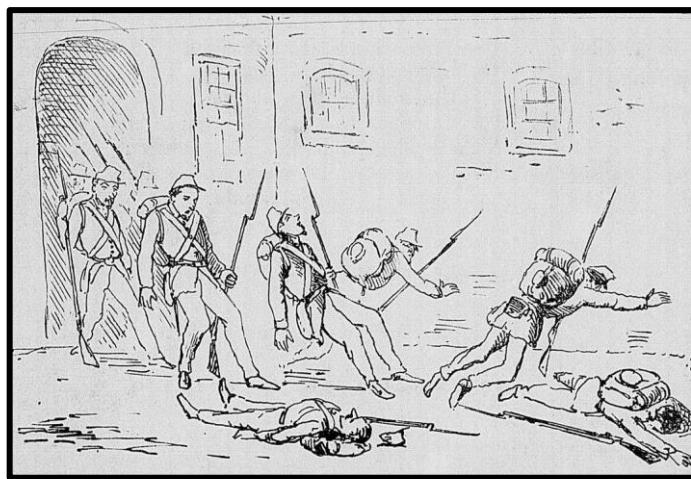








O FIM DA GUERRA DO PARAGUAI: REPERCUSSÕES NA IMPRENSA DO RIO GRANDE E DO RIO DE JANEIRO (DOIS ESTUDOS DE CASO)



Desse modo, bem de acordo com a prática das folhas caricatas, *A Vida Fluminense* apresentou uma versão crítica e bem humorada a respeito de um dos atos que demarcava o encerramento da Guerra do Paraguai, com o retorno dos voluntários da pátria. Em consonância com a imprensa em geral que promoveu uma campanha de valorização aos combatentes no teatro de operações em solo guarani, o periódico ilustrado também partiu em defesa dos voluntários, ainda mais por considerar que a ação governamental não estaria à altura dos mesmos, censurando a forma de tratamento dispensada pelos homens públicos para com aqueles que regressavam das agruras do enfrentamento bélico. Apesar de participar da glorificação aos protagonistas nos campos de batalha, o jornal humorístico não deixou de abordar jocosa e criticamente aquilo que considerou como excessos praticados na recepção aos voluntários. Assim, *A Vida Fluminense* apresentou sua versão caricatural acerca de um dos episódios marcantes dos momentos derradeiros da Guerra da Tríplice Aliança.





# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025



ISBN: 978-65-89557-46-3

